

LEONARDO COIMBRA

# A MORTE

Edição da  
RENASCENÇA PORTUGUESA  
Pôrto - 1913



Ao Fernando Pessoa, o  
 amigo e o admirador de  
 sempre.

Leonardo Coimbra  
 Pousa de Vasquez

A MORTE

DO AUCTOR

O. Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico) - 1912

LEONARDO COIMBRA

# A MORTE

CONFERENCIA DA "RENASCENÇA PORTUGUESA"  
PRONUNCIADA NO CENTRO COMMERCIAL DO PORTO,  
NA NOITE DE 23 DE JULHO DE 1913



Edição da  
RENASCENÇA PORTUGUESA  
Pôrto - 1913



A MINHA TIA

EMILIA COIMBRA





## A face da Morte

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Imaginai o cristal espelhante dum liquido. Seja o granitico tanque secular do nosso Norte. A agua abandona as suas verdes carnes á tranquillidade do sono. Sobre o velho granito, um vulto de Mulher olha o fundo limoso donde filamentosas algas saem em precoce cabeleira vegetal. Subito, uma aragem encrespa a superficie, do colo da Mulher tomba uma flôr e os ecos da Agua, em abraços concentricos acordados, entrechocam-se em rumorosos outeiros.

Olhai, agora, o nosso Avô Oceano e vêde que brandura e lirismo nos seus braços de espuma. Uma aragem maternal beija as tranças da onda. O seu ritmo é tão piedoso, suave e intimo que se visionam Nereidas amorosamente embaladas em fôfos braços d'agua. E' que os elementos estam de accordo e trocam sorrisos.

Vêde, lá no Inverno, esse mesmo Oceano.

Os elementos em desacordo trocam blasfemias, imprecações, lagrimas. No Mar ha tragedias e epopeias. A vaga ergue-se em impeto, dobra o dorso, e, num tropel de desvairo, ei-la, a imensa catapulta, que vai alargar os seus dominios.

Avança em linhas cerradas, tensas e recurvas, e na crista da vaga, a espuma mais veloz, como que liberta e consciente, baila e canta a vertigem da lucta. Ha, por vezes, na epopeia vortices de tragedia. Ha luctas intimas, como se na bruteza invencivel do cego esforço, surgissem pequenas hesitações de consciencia. Ao surdo trovão duma mole em irremissivel avanço são misturados estalidos altos, discordantes, notas individualisadas de atritos e despenhamentos.

Tambem a palavra tombada na alma ora se espraia em ondulações da superficie, ora, mergulhando a pique até funduras insolitas, vai acordar os ecos dos tempos, as vozes do além. Se a palavra apenas correu á superficie da alma, esta mandará a recebê-la os seus habitos e automatismos. Se a palavra vai em turbilhão até alturas selvagens, todo um cortejo de ocultos tesouros virá ao seu encontro. Não serão sómente os preconceitos e automatismos, mas a indefinida virtualidade do nosso sêr pensante, activo e amoroso.

Se começo por vos falar da face da Morte é para que, afastando a sua inconsciente e habi-

tual imagem feita de horrores accessorios e acusações irreflectidas, possa a minha palavra encontrar almas atentas ao murmúrio das suas ultimas, longinquas camadas. Desvende eu a face da Morte para que o seu nome não apodreça os meus labios, não caricature em esgare o meu sorriso confiado, não descarne o meu corpo em petulante cadaver que se erguesse a prelecionar a lição de anatomia.

A imagem da Morte, que é incontestavelmente a mais importante para o comportamento da nossa vida, forma-se em nosso espirito, ao sabôr das mais baixas sollicitações. São, com efeito, o mêdo e a repugnancia animal os principaes elementos dessa imagem. E vai tão longe a cegueira e cobardia dos homens, neste ponto, que á propria criança, absolutamente indifferente e estranha á ideia de Morte, se lhe impõe uma imagem com elementos de mêdo. E' a velha, uma esfrangalhada velha, que á minha imaginação infantil apparecia como uma coruja humana de afiados dentes gotejando a leitosa carne dos pequeninos.

E, como eu não comprehendia a Morte e nenhuma criança a poderá entender nos primeiros anos, essa velha era uma roubadora das crianças, espiando-lhe incessantemente os passitos de petala de rosa.

Imagem obsediante, que jámais largará a imaginação infantil e que infalivelmente irá dar o



gem e erguer a alma acima das solitações dos sentidos.

Acho preferível que o homem, pela espontaneidade do seu espirito, destile esses horrores instinctivos, em heroicas plantas, que, das profundas da alma, venham abrir em labios dagua a inocencia da sua branca alegria.

Os nossos cemiterios, habitados de esqueletos, podem sêr jardins cristãos, se a alma tiver a coragem de descobrir o além dos sentidos.

O nosso corpo a arder em chama purificadora, será beleza, libertação, cosmico abraço instantaneo. Sim, será a onde do eter, que, em Romaria pagã, vá beijar as praias dos mundos.

Sim, é certo, mas o nosso corpo nas entranhas maternas da Terra será o reconhecimento domestico, a gratidão aos seios da nossa vida do instincto, o abraço terrestre, a retribuição justa e, sobretudo, a suprema oferta ás famintas humildades do planeta.

Não precisamos de esconder as dôres para que a Alegria possa viver, num mesmo hospital desabrocham flôres humanas ao mesmo tempo que outras se fanam e apodrecem.

O que precisamos é saber distilar a podridão em beleza e frescura, como sabem as raizes transformar o pantano, em jardim, alado e fecundo aroma. Elaborêmos em reflexão purificadora as reações sensiveis que devemos ao Acaso obscuro e elas serão a seiva da espe-



pela haste, tombasse cristalizado, num brando tumulto de agua.

A Morte das crianças é mais um outono florido que uma primavera outonada, é uma magnolia budha que á terra mendiga ofertasse as suas joias. E serão estas imagens menos verdadeiras e justas?

Um dia atravessei a crista duma serra. Era numa região bem fadada das graças da Serenidade no tufado concavo dos seus vales e tocada de arrepio místico no arremesso das montanhas. Era uma manhã envolvida num nevoeiro sujo e pegajoso que cobria a terra como imensa teia viscosa, que mefistofelica Aranha tivesse lançado á alegria dos homens.

O nevoeiro escorria pelo corpo, entrava pela boca, amolecia os pulmões e punha na alma a lassidão do esquecimento. A paisagem era um golfo de lama, coleante, obdurada de maldições.

Pouco a pouco do Altar mór subia a sangrenta hostia pagã.

O primeiro olhar da luz filtrou atravez o nevoeiro em pulverizados cromos; foi como que a vinda duma benção, que mil labios diversos em mil diversas linguas tivessem de receber. A luz tamisada revelára o orvalho e o nevoeiro de maldição era o aljofar da Noite, a lagrima anunciadôra e redimida, o victorioso sorriso humedecido. O ceu loiro e rosado e a terra lavada de sombras enquadravam uma face de perpe-

tua virgindade, a despedir o nocturno labôr do sonho.

A terra saía da vida cosmica, cujo além é de misterio e promessa mas cuja apparencia é vagabunda, de errante futilidade, para viver a vida individualisada da Côr, do Som, dos pinhaes, das vinhas, do amôr e do trabalho. E então toda a paisagem appareceu no brando relevo da sua vida infantil, que, ao meio dia, atingiria as ultimas oitavas do seu falar. E' antes do forte e masculino meio dia, na enternecida ingenuidade da sua infancia, que a Terra é mais amiga da nossa alma. Ao meio dia, o sol vai em plena victoria da sombra, que, deliquescida e minima, é como a esposa maltratada.

Ao meio dia, a Terra atinge a sua plena individualisação, é gritante de egoismo, claridade, e ruidosa pujança. Ao amanhecêr é a jovem filha do Ceu e da Noite, a vida aureolada de sombra, sonho, recordação e desejo. E' a liberdade no estremecimento antecessôr da partida, o fremito do vôo preformado.

Assim deve o homem partir á procura da verdadeira face de Morte.

Que as vossas mãos, modeladas em seculares esforços de sonho, possam, minhas senhoras, afastar o nevoeiro da falsa imagem da Morte para, confiadamente, demandarmos os seus verdadeiros horizontes.

Que os vossos longos dedos, feitos do lu-



minoso desejo da seiva, e de intimas preces, ogivadas ascensões d'alma, - afastem a nevoa e espalhem em cataractas as roseas promessas do sol nascente!

## O Sêr

Afastados os preconcebidos pensamentos e as irreflectidas imagens, procurêmos qual seja a mais adequada ideia da Morte. Para isso terêmos de sondar a intimidade do Sêr, terêmos de mergulhar nas entranhas da realidade. Só então poderemos saber a verdadeira situação e valôr da consciencia, só então poderêmos legitimamente falar dum espirito real e eficaz ou simples epifenomeno, fantasma dos fenomenos fisicos.

A mais simples noção de realidade é a dum sistema de objectos e qualidades, modelos das nossas sensações e ideias, que passivamente os reproduzem. Seriamos como um espelho consciente das suas imagens.

A realidade é um conjuncto parcamente sistematico, mas é um todo opulento e inexgotavel — é uma boa attitude prefilosofica. Seria a attitude naturalista — um maximo de conteúdo num minimo de unificação formal.

Mas o naturalismo é um sistema instavel, pois o pensamento irá, por virtude propria e insofrida espontaneidade, usar de modelos, representações privilegiadas, para reconstruir a realidade. O

pensamento é atenção, tendencia, seleção, mais vontade que passiva representação. Tudo o que o liberte, isto é, tudo que lhe dê amplidão e elasticidade toma privilegio e acaba por dominar como a profissão acaba por se nos inscrever na fisionomia, na atitude e na alma. Assim, no naturalismo, acabam por dominar, as representações mais usadas e mais uteis. O naturalismo pre-scientifico cai num sensualismo incritico, que é o mais completo tipo do que eu chamo o *cousismo*. Com as representações musculares, tactis, dinamicas, etc., é reconstruida a realidade.

Outro seria o sensualismo que tudo referisse ás sensações depois de as ter racionalizado.

Neste sistema uma larga parte seria feita á actividade espiritual, que, comparando as sensações individuaes entre si e na sua união causal, fosse distinguindo entre o subjectivo e o objectivo. De forma que querer reduzir tudo a sensações seria mediocrementemente possivel por virtude do anterior trabalho racionalisante. Quer dizer que o sensível apenas valeria pelo pensamento que o tivesse organizado. Os sentidos só dão, com efeito, complexos subjectivos, a que o pensamento dá realidade pelos laços da causalidade e da coordenação sob os chamados conceitos limites, nome bem feito para afirmar a sua irreductibilidade ideal. A simples noção de espaço e de tempo, inerente á minima realidade, excede o mundo sensível, pois que na tentativa

de Elie de Cyon para encontrar os sentidos espaciaes e temporaes tudo é fisiologicamente justo, mas filosoficamente equivoco. Tais sentidos podem dar a direção e a sucessão, mas nunca o espaço e o tempo isotropos, exauridos, cuja realidade é de alta elaboração, como de sobejo o mostra a sua genese sociologica, tentada pela escola durckheimista. E', pois, impossivel a attitude do sensualismo, servindo, quando aprofundado, para mostrar como o mundo sensivel é penetrado de pensamento a ponto de se dar como uma adaptação do mundo biologico á realidade do pensamento racional. O implicado pensamento biologico adapta-se ao pensamento sistematico que é o Sêr. O platonismo destas considerações é bem claro para que seja preciso destaca-lo; o mundo sensivel é real pela ossatura de pensamento racional, que o sustenta.

A primitiva reconstrução sensualista não é um activo trabalho de reflexão seleccionante, que lançasse aqui e além a semente destinada a dominar a floresta, é antes o primitivo licken, cobrindo da rocha á arvore, numa inundação de uniformidade, todo o mundo da vida. De facto, desde o principio o pensamento analisou o dado, producto de inconscientes mas profundas sinteses, e reconstruiu a realidade por meio de representações modelos. E', deste modo, por meio de analogias psicologicas e mecanicas que desde o inicio o pensamento trabalha.

Tam longe quanto alcance a nossa visão histórica ou actual, o pensamento é sempre um progresso sintético, e a realidade como a côr mais densa, o som mais grave, o núcleo mais resistente do sistema dinâmico do pensamento. O naturalismo só seria possível se este movimento fosse apenas um transporte mecânico de qualidades existentes em si.

Mas a qualidade é síntese confusa, porque é como que uma fisio-química inconsciente que as forças adaptativas geraram para além dos horizontes da nossa consciência central; e o próprio movimento mecânico não é, nem pode ser, em si, pois só desqualificado e exaurido ele se presta ás articulações que lhe sabe determinar a menos ambiciosa actividade humana. O naturalismo é antes uma salutar atitude pedagógica que, nas épocas de crise de modelos de pensamento, as forças profundas da vida criam e dirigem. Eis porque a época moderna é o crepúsculo do naturalismo. Porque os antigos modelos foram encontrados mesquinhos e pobres, se apresentou o naturalismo; porque já as novas forças idíicas entram de elaborar mais íntimas realidades, se crepusculisa o naturalismo, retirando a sua rubra vitalidade ao seio mais vasto e tranquilo da luz clara e plena.

A realidade não é então a natureza?

Quem não quizer ser victima das seducções retóricas, tomando a palha das palavras pelo

grão das ideias, terá de precaver-se contra as palavras totalisantes e absolutas. De que serve dizer que a realidade é a natureza, se apenas deslocamos o problema, pois a natureza é ainda uma reconstrução, por modelos, duma primeira natureza, construída nos inconscientes longes da nossa actividade sintetica psicologica e da nossa ancestral adaptação biologica? Realidade e natureza são produções e reproduções ampliadas, renascidas duma irreductivel actividade pensante; neste sentido podêmos dizer, com Schopenhauer, que o mundo é a nossa representação.

No mundo fisico, a posição de equilibrio estavel num sistema isolado, é aquela para a qual é minima a sua energia potencial. No mundo superior da Vida, domina tambem uma lei dos extremos; só são estaveis as posições de maxima e de minima energia. E' num esforço com destino e entranhas, num esforço interiorisante e espiritualisadôr, que o pensamento vive e *cria* a realidade por sucessiva assimilação dos modelos marginaes pelo nucleo substancial. E' a sua posição de equilibrio vivo.

Mas ha outra posição de equilibrio que é o equilibrio adormecido ou morto, no habito e na materia. Espirito distendido, vontade anulada por dispersão seria o pecado original duma teogonia bergsonista. E', com efeito, este o movimento pendular do pensamento humano, movimento pendular, que vai da liberdade criadôra á ne-

cessidade sofredôra e contemplativa, mas que se executa em altitudes diferentes, porque a fase *criadôra* desloca o centro de gravidade do sistema. E é tanto mais assim quanto é certo que a propria liberdade começa por uma espontaneidade *estranha*, especie de fatalidade benefica que, por nós, trabalha de incomensuraveis longes. A nossa veridica liberdade espiritual começa na espontanea adaptação biologica tam sabia, mas tam *alheia* e impessoal. E, como a planta se entrega á direção da luz, assim em nós reside ainda uma passiva confiança na providencia das forças biologicas. Essa confiança inclina a creança para os braços maternas, que a cerquem, numa entrega e num abandono bem feitos para a meditação do filosofo.

Entre os argumentos *sensíveis* da existencia de Deus, se taes argumentos podem existir, sempre me appareceu, como supremo, o tombar çuma cabeça infantil no misterio do sono.

Entre todas as superstições, eu tenho uma particular atenção para o anjo da guarda, que todas as noites se vem debruçar sobre o leito das crianças. Ele é fresco, infantil e descuidoso como elas; é a providencia panteista. Toda a vida implica, com efeito, uma boa porção de optimismo. Ela é feita de successivas victorias, e, na hora do combate, sempre do sub-solo da vida, ignoradas forças acorrem.

O Universo diluido em nivelado oceano de

Vida, recebe descuidosamente todas as formas, ainda as mais perfeitas. Elas respondem ao apelo desse sub-solo criadôr e poderoso, como as pontas das arvores á raiz, como as cristas dos montes ao longinquo coração da Terra. Ela, a providencia panteista, indiferentemente as recebe, porque uma vez tombadas, dissolvidas na rasa uniformidade da superficie, ela as saberá repetir uma, mil, indefinidas. vezes, pois guarda na dimensão oculta e invisivel a sua perfeita lembrança, a sua completa e indefectivel essencia. As crianças adormecem no seio invisivel dessa providencia com a candura, a confiança e a certeza com que no Outono vagarosamente tombam as folhas amarelecidas e lassas. As formas vivas tendem a um permanente regresso á potencia informe d'onde saíram como as ascensões lunares da maré continuamente caem ao nivel donde destacaram.

Nesse abandono toma, por vezes, a Vida aspectos paradoxaes e monstruosos. E' uma aranha presa na propria teia, uma liberdade encarcerada nos seus decretos, a arvore esmagada sob o peso dos proprios fructos.

Quem tiver o poder de evocar certos periodos de historia da terra poderá assistir a este enredamento, a estes rodopios da maré vital. No periodo dos grandes *saurios* ha como que uma actualisação completa de toda a potencia vital, corre a vida a atingir a unidade bruta.





mento por uma linha continua, podemos dizer que essa linha sobe a um maximo para correr ao mesmo nivel e em linha recta, até subir em novos ramos a maximos progressivos. A linha é a trajectoria do juizo reflectido, operação essencial do espirito, analisando os dados incoerentes de indefinidos juizos anteriores até á sua cristalização em conceitos, que se apoderam então da vida mental e a embalam numa realidade lisa e harmoniosa. Se a vida mental se redusisse a esta unica linha, adormecido seria o homem na fortaleza dos conceitos; mas, dos diferentes pontos do espaço, outras linhas sobem e o seu concurso ondula a alma, partindo activa em novos juisos assimiladôres. Em epocas de grande calma e quietitude, as linhas, partindo não dos diferentes pontos do espaço, mas dos diferentes pontos da nossa casa, já de conceitos formada, do interior duma Igreja por exemplo, encontram-se sem atrito e permanece estagnada a superficie da alma. São as grandes epocas de dogmatismo, seja individual, seja colectivo.

O filosofo naturalista será aquele que, subindo na linha central, presta, de instincto, o ouvido ás ascensões circumvisinhas.

O filosofo dogmatico percorre os grandes planaltos dos conceitos, nos quaes, porque são as superficies do nivel do pensamento, o espirito é em equilibrio e pode deslizar sem trabalho. Mas, porque o movimento, que levanta o pensa-



lisação têm uma realidade propria, um sistema, que se recebe pelo unico facto da sua actualidade.

Não é evidente na nossa actual civilisação o papel dominadôr de certos conceitos invasôres e exclusivistas, como os conceitos de *sucesso*, da utilidade e da força?

Quantas almas de eleição erguem a voz em favor do desinteresse, da superfluidade e da graça?

A preferencia dos modelos constructôres será determinada pelas primeiras adaptações ao meio exterior e pelas normas colectivas.

Sendo as normas colectivas, principios geraes, que o individuo pensa por imagens tecidas das ações e reações adaptativas, são estas, por isso, de primacial importancia para a reconstrução da realidade. Sob este ponto de vista não é indifferente o temperamento individual, que, muito occultamente, irá insinuar o caminho do correlativo juiso assimiladôr, que leve ao planalto predilecto. E' por isso, e assim de novo se afirma a irreductibilidade do juiso, que tantos e varios são os caminhos individuaes para o preconceito <sup>(1)</sup> colectivo. Para uns a realidade modelar é a resistencia dum conjuncto de sensações,

(1) A propria palavra preconceito indica que os conceitos são ordinariamente amputados do coração, que é o movimento dialectico do juiso.



se coloca no *facto*, que é já a materia informada, a forma substancialisada e real.

O que é um facto?

Um facto é, pelo menos, um acontecimento no espaço e no tempo e subordinado ás leis da causalidade. Sem esta garantia minima o *facto* é indiscernível do sonho e da ilusão. Consequentemente, o facto só é pela interpretação, que o refira a uma realidade anterior, que é a do nível conceptual do pensamento.

Por isso, e a despeito duma geral objectivação pelas normas colectivas, um *facto* é diferente para cada homem. Para A. Comte o *facto* era inconscientemente o *facto* scientifico, producto bem tardio duma elaboração superior. Os seus *factos* eram tam pouco immediatos que a mathematica saía deles, por um simples artificio negativo da atenção. E, uma vez extraída dos factos, era ainda tão real que o mundo concreto precisava dela para se exprimir, embora ela, nas suas teorias analíticas, fosse essencialmente independente. Como pode um extracto dos factos unificá-los e garanti-los? Não é uma dificuldade paralela á de unir uma forma pura a uma materia informe? Todos os sistemas que cortem o movimento dialectico que gera a realidade, que amputem a continuidade organica do pensamento serão amarrados á mesma impossibilidade, semelhante á de alguém, que, sabendo que a pele cresce com o organismo, se lembrasse de guardar

peles de diferentes tamanhos para poupar a um corpo em crescimento o trabalho de se ir fazendo a propria pele.

Todos estes sistemas são a repetição humana, e por vezes grandiosa, do encerramento da vida na carapaça do auto-hipnotismo do atingido. Em todos eles a actividade pensante se sume por entre o pensado, como certos rios que desaparecem de repente pelos interstícios do areal.

Da forma que esse trabalho milenar da agua a esconde e filtra, assim os conceitos, os principios, os pensamentos, em suma, escondem por vezes a criadôra fluidez do espirito. Assim são separados os pensamentos do pensamento, e é reduzido o pensamento a uma vasia virtualidade pairando sobre as realidades construidas. O pensamento e as suas obras são como dous irmãos, que, separados desde a infancia, se falassem numa absoluta incompreensão, se olhassem na mais estranha mudez. A obra é a materia, e o pensamento uma inutil reedição dessa materia. Assim se geram todos os absurdos problemas da materia e da forma, da causa transitiva e da causa ocasional, da necessidade e da liberdade, da alma e do corpo, etc.

Outro sistema seria aquele que, procurasse achar as leis da realidade medindo os movimentos do pensamento constructor. Se este movimento é considerado na sua essencia de permanente mobilidade organisadôra, terêmos uma

autentica realidade assente em solidos alicerces, e, contemporaneamente, evoluindo em continua assimilação dos acidentes marginaes obscuros pelo nucleo substancial do sêr.

Mas, se o movimento é considerado já nas diferentes superficies de nivel, terêmos de novo quebrado a unidade do pensamento constructôr e serêmos tentados a admitir que é por qualidades intrinsecas que o pensamento é nessas superficies. Esquecerêmos que o movimento é perfeito e sem trabalho, porque os conceitos e os principios nada mais são que o resultado da elaboração do pensamento ascendente, elevando-se na assimilação das oposições assaltantes. Resultado onde o pensamento se repousa, como o lavradôr, que, tendo subido a plantar uma arvore, ficasse deitado á sua sombra, vivendo tranquilamente dos seus fructos, e pensando que o monte tem a propriedade formal de produzir as arvores. Um tal sistema filosofico irá atender justificadamente á ação unificadôra do pensamento, será uma irrefutavel demonstração de que a realidade é sempre o resultado da apreensão sintetica da consciencia pensante, mas, olhando só as realidades superiores das superficies de nivel, determinará um formalismo demasiadamente puro para unificar uma materia excessivamente informe e ignorada. Falamos do kantismo, é claro. Kant vê uma realidade de alto nivel, o mundo newtoniano, nivel por ele pisado numa celebre tenta-

tiva cosmogonica. Quaes sejam as condições implicadas no facto de existencia duma tal realidade é o ponto de partida da critica. Como se vê é o planalto matematico-fisico do pensamento humano que Kant admite como *facto* primordial.

A possibilidade da certeza matematica e da explicação fisica postula formas aprioristicas do conhecimento.

Já Platon tirra demonstrada a existencia prenatal da alma humana pelo *facto* do apriorismo dos conceitos limites como o de egualdade, por exemplo. E um inatismo mais materialista ou mais formalista, de ideias e qualidades, ou de faculdades e formas, vem até Kant.

Kant viu perfeitamente que o momento essencial do pensamento humano é o juizo. Soube, portanto, furtar-se á sedução do conceito cristalizado, do pensamento estatico. Procurando o dinamismo do pensamento, como que tentou realisar a extraordinaria e desvairante aventura do homem que quizesse medir a propria sombra.

Mas desmontou o mecanismo no privilegiado momento em que o trabalho do pensamento é nulo, por se mover em superficies de nivel.

A materia é a diversidade misteriosa que afecta a nossa sensibilidade, é o obscuro interior da sensação. Essa ignorada materia *aparece-nos* no espaço e no tempo, *formas* aprioristicas, segunda as quaes é affectada a nossa sensibilidade.



A sensibilidade é, portanto, uma faculdade passiva; por ela nos são dados os objectos. Uma faculdade activa, funcional, que é o entendimento, os determinará como objectos pensados.

A função do entendimento é o juízo por meio dos conceitos, que, são por sua vez, o resultado da espontaneidade do pensamento. Para construir uma tabela completa dos conceitos puros do entendimento ou categorias basta, portanto, fazer uma análise exhaustiva de todas as formas dos juízos.

Temos assim uma intuição no espaço e no tempo e categorias do entendimento, expressões da espontaneidade funcional do pensamento, que são absolutos, valendo para todas as intuições possíveis. A união da intuição e das categorias faz-se pelos esquemas da imaginação, novo apriorismo da imaginação pura, resultante da determinação transcendental do tempo na apreensão sintética da consciencia.

Como acabamos de vêr, o kantismo dá, na construção da realidade, o principal papel á forma; mas essa forma não é um extracto passivo de factos ou objectos brutos, é, pelo contrario, a forma da nossa actividade cognitiva, a estrutura das nossas faculdades. Entre nós e um Universo, que se nos opõe e resiste, interpõem-se as nossas faculdades, crivando desse Universo tudo o que não possa *aparecer* através a sua misteriosa rêde.

Este sistema demonstra, e duma maneira flagrante, uma irreductivel actividade de sintese psicologica em toda a natureza ou realidade, pois realidade e natureza são funções do "eu penso". Querer, após o kantismo, reduzir a actividade espiritual á materia é mais infeliz aventura que a do homem, que, após o primeiro movimento expansivo do coração, o julgasse inexistente e inutil por ter encontrado o sangue á superficie do corpo.

Mas o kantismo foi tomado da vertigem das alturas e, esquecendo a encosta, rodopiou em torno do equilibrado planalto do mundo newtoniano.

As condições desse mundo não podiam sêr empiricas, pois que ele fôra advinhado, pois que a sua intimidade fôra prevista, e tam longe que a gravidade terrestre era a gravitação universal e o modelo das forças, que tudo governavam. E já Hume mostrara como o empirismo coerente dissolve a unificação causal no elastico contingencialismo dos habitos psicologicos.

Acrescente-se a isto a visão genial e irrefutavel da apreensão sintetica de consciencia pura como primeira condição do pensamento e terêmos os principaes factores do formalismo da critica.

O sêr ondula em ritmos que, por vezes, se opõem á expectativa do homem; de modo que, mesmo ás superficies de nivel do pensamento,

chegam correntes invasoras. São as sensações, blocos misteriosos e obscuros que, só por si, obrigariam a um empirismo contingente, a uma simples atitude pratica.

Ora todas as sensações se ordenam no espaço e no tempo, que, não podendo ser conceitos vindos dos objectos, porque toda a existencia os postula, são as formas, que toma a nossa sensibilidade afectada. A realidade é, portanto e antes de mais nada, uma apparencia espacial e temporal do inabordavel incognoscivel, do incondicional absoluto. Desta forma é já o ser scindido no absoluto incognoscivel e na realidade humana das intuições espaciaes e tempo-raes. É este um grave erro que irá quebrar a unidade do pensamento, por penosos artificios mais tarde reatada.

O espaço e o tempo não são formas absolutas, arbitrarias por tanto, duma absoluta faculdade de sentir. São formas muito elaboradas e perfectas, formas duma experiencia scientifica, de elevados planaltos. Nelas colabora, mais que em muitas outras, a espontaneidade analitico-sintetica do pensamento. O espaço euclidiano, e o tempo mecanico, exauridos de qualidades, isto é, do bruto da percepção immediata, são noções que o homem só atinge, quando atinge, num estado mental adulto e cultivado.

Não são tambem espontaneidades puras, porque não as ha, pois taes formas seriam

irremissivelmente separadas de qualquer conteúdo. São já resultados, reconstruções da realidade por meio de juízos conscientes, trabalhando sobre uma primeira realidade feita de adaptações e inconscientes juízos. Como realidades possuem conteúdo, bem evidente para o tempo, e não menos certo para o espaço.

Não vemos nós que a parte mais imediata e externa das sensações, a menos assimilável, a qualidade bruta, depende do espaço e do tempo. Como explicar os tropismos do mundo vegetal, sem um espaço orgânico? Como explicar a evolução individual dos peixes Pleuronectas?

Como explicar, enfim, toda a herança, que é a própria a vida, num tempo e espaço vazios e que a herança não poderá encher, sob pena, de entrar no ilusionismo da aparência.

E como unir esta absoluta aparência às categorias do pensamento?

Dum lado uma espontaneidade vazia, da outra uma intuição passivamente modelada. Como unir este entendimento àquela sensibilidade?

Para esse fim aparece o esquematismo, que, sendo obra dum nova faculdade, mais revela o artificioso da operação. O esquema não é o producto da imaginação empírica, mas da imaginação pura; é "a representação dum processo geral da imaginação para dar a um conceito a sua imagem". Esta nova faculdade faz a transição da sensibilidade para o entendimento, por esta fa-

culdade se aplicam as categorias ás intuições. Mas como pode esta nova faculdade suprimir a distancia da sensibilidade ao entendimento? Se estes são absolutos irreductiveis, como pode haver uma faculdade hibrida que, em suma, os possa ligar? E quaes são essas partes comuns á intuição e ao conceito, que no esquema se tocam? "O conceito intelectual encerra a unidade sintetica pura da diversidade em geral... O tempo contem uma diversidade *a priori* na intuição pura".

A determinação transcendental do tempo é universal como a categoria e é analoga ao *fenomeno*, logo é, por meio dessa determinação transcendental, que se pode aplicar a categoria ao fenomeno.

Mas tudo isto só mostraria uma caprichosa coincidencia entre a forma passiva dos fenomenos e a unificação activa das categorias. Teriamos duas figuras simetricas, e, por isso mesmo, de impossivel justaposição, pois não podem sair dos seus arbitrarios, mas absolutos planos. Para que tal sobreposição fosse possivel, necessario seria que a actividade da sintese do pensamento as viesse unir, e, como uma espontaneidade absoluta é tam indeterminada como uma possibilidade absoluta, é preciso que desde a intuição ao conceito a sintese apreensôra seja força em movimento, isto é, assimilação e trabalho. De outra forma de nada serviria o esquema.

O esquema só seria possível como momento dum processo organisadôr e só assim ele teria significado. Deste modo, seria mais intima a unidade do pensamento e o esquema não teria mais valôr que o do seu momento de pensamento. Os esquemas de Kant são, com efeito, mais a visão introspectiva dum pensamento atento aos proprios movimentos que momentos do caminho da intuição á categoria. Assim, para Kant, é o numero o esquema da quantidade. Ora é facil vêr que o caminho do pensamento é muito outro e até oposto. A grandeza é menos racional que o numero, a mais simples organização da intuição dá a grandeza; o numero é o resultado duma elaboração incessante. O que é a maior parte da geometria senão a *informação* pelo numero da vaga noção de grandeza? Quem não vê das grandezas incomensuraveis aos numeros irracionais a distancia que vai da obscuridade bruta á plena comprehensão, do *facto* importuno á clara realidade?

As tentativas da quadratura do circulo, teimosia da noção de grandeza, só desapareceram, quando se reduziu o problema a certas condições do *numero*  $\pi$  por Hermite e Lindemann demonstradas irrealisaveis.

A elegante teoria das classes contiguas, na sua perfeição aritmetica, choca a vaga noção de grandeza, quando condiciona a inexistencia simultânea dum elemento minimo na classe maior



desde a intuição à categoria não fosse o pensamento num continuo trabalho organisadôr.

Cinematografar, para empregar a feliz expressão de Bergson num sentido empirico usada, esse dinamismo organisadôr é decompôr-lhe a unidade intrinseca para o recompôr com aspectos mortos e isolados, é substituir à mobilidade efectiva, de ação e conteúdo, a incompreensivel mobilidade dum pensamento cristalisado em faculdades, exercendo no vasio a actividade dessas faculdades.

E', portanto, redusir a realidade à apparencia da cousa em si nas formas dessas faculdades, é reconduzir para além dessas faculdades um misterio tão inabordavel que o pensamento, perdendo toda a proporcionalidade com o sêr em si, é, outra vez e só pela sua existencia, um milagre fulminante.

Mas, após estes miraculosos factos, é impossivel a realidade, porque a segmentação da actividade do pensamento foi como uma esquisita quimica que precipitasse essa actividade, deixando á superficie, apenas, a passividade pura, ficando, deste modo, impossibilitada a direção da materia superficial pela forma espontanea e ôca.

E o intermediario do esquematismo da imaginação pura só aumenta as difficuldades de unificação e direção interna dum movimento tam gravemente desarticulado.



A realidade é, sim pensamento, mas pensamento movel e activo. Kant teve a suprema visão de que a realidade só pode ser atingida no condicionalismo do pensamento, mas tomou esse pensamento em fases atingidas e, tratando-o pelo processo quimico dos precepitados, isolou, duma maneira ainda não vista, o pensamento e o sêr, reflexos hipostaticos do entendimento e da sensibilidade ou ainda da materia e da forma.

Assim, é o proprio pensamento que se marca os limites, encerrando o conhecimento possivel em estagnadas alturas da sua ascensão. Embora por um processo oculto e ignorado fica, deste modo, implicitamente garantida alguma proporcionalidade entre o sêr e o pensamento, pois, conhecendo o pensamento que um seu trabalho anterior é a garantia do sêr, saberá procurar a sua inatingivel mas assintotica identidade com todo o sêr, isto é, reconstruir progressivamente a realidade.

Desde o principio e sempre, a realidade é pensamento activo, quer dizer, assimilação por nucleos centraes das obscuras representações imediatas. Não é sensivel puro e intelectual puro, mas pensamento escravo e caotico e pensamento harmonioso e livre. A realidade não é um extrato do pensamento com propriedades estereotipadas, é o proprio pensamento movendo-se em circulos alargados desde o centralismo egoista do animal,

até ao desvairado vôo excêntrico do pan-teísmo estético, até á nova centralização moral dum pluralismo socialista.

Já demonstrei em anterior trabalho, que nesse movimento dialectico nunca o pensamento se encontra perante uma materia absolutamente estranha, nem com formas absolutamente suas ou faculdades. A pretendida materia são os conceitos, juízos solidificados, dum certo nivel. As pretendidas faculdades ou formas puras são a concupiscencia funcional dum certo nivel dialectico, o praser dum exercicio sem finalidade, num sentido de resistencia minima.

A mais elementar realidade é unificação sintetica, seleção, tendencia, sistema. Sabe-se hoje que é indefinido do lado das sensações e do inconsciente esse occulto trabalho de sintese. A mais alta abstração formal é um vertice dominando outros, um atingido momento de concorrentes esforços dialecticos. Dum lado, tem a psicofisica descoberto novos e indefinidos horizontes aos dominios da atenção e da escolha, da decomposição dum anterior dado e recomposição realista, da fusão dirigida e seleccionada dos dados sensiveis, da complexidade psicologica da sensação e da percepção, da profundidade activa do desejo e da tendencia. De outro lado, o mais elevado planalto da elaboração formal é o cume movediço dum pensamento com entranhas.

A primitiva realidade infantil ainda mal individualisa o seu corpo no complexo de sensações, que é o seu mundo. O eu e o não-eu são reconstruções tardias onde predominam resultados acumulados dum incessante labôr oculto. É o processo é continuo, nenhum momento existe em que uma realidade extranha se incorpore com as suas inflexiveis linhas no nucleo central da personalidade incipiente.

Paralelamente <sup>(1)</sup> acontece com as maximas atitudes formaes, elas são o concurso movel de juisos convergentes. A propria historia das ciencias e a sua realidade e valôr o dizem.

O problema da brachystocrona, que é a curva de minimo tempo de queda dum grave entre dous pontos, resolvido analogicamente por João Bernouilli leva gradualmente ao calculo das variações. Será então possivel que o calculo das variações seja apenas um novo metodo formal sem relação necessaria com a sua genese na realidade mecanica, por Mach assim descrita:

(1) É notavel, sob este ponto de vista, a generalisação das noções de força e deslocamento permitindo subordinar todos os fenomenos fisicos ao principio dos trabalhos virtuais. A generalisação caminha, porque, sob o criterio da existencia de invariantes fisicos, se procura, em contacto com o real, o novo significado dos elementos do trabalho. Assim, no circuito electrico por exemplo, é a lei de Faraday que, dando o deslocamento, permite, com a energia, achar o novo significado da noção de força.

(<sup>1</sup>) "J. Bernouilli encontrou, por analogia, uma solução accidental dum problema. Jacques Bernouilli desenvolveu um metodo geometrico para a solução dos problemas analogos. Euler generalisou ao mesmo tempo os problemas e o metodo geometrico. Lagrange, enfim, libertou-se completamente da consideração das figuras e deu um metodo analitico...?"

E' certo que vêmos de Bernouilli a Lagrange uma continua generalisação pela eliminação de considerações extranhas, que tinham sido meros processos auxiliares como a feliz analogia de Jean Bernouilli entre a queda dos graves e o movimento de propagação da luz, já estudado quanto ao condicionalismo do tempo minimo. Mas, se a concepção de Lagrange é independente das figuras particulares, pode ela sêr independente das considerações geraes sobre o espaço e o movimento?

O que permitiu a Lagrange *comparar*, nova analogia, pois a analogia é o mais profundo e sempre implicado processo de conhecimento, os acrescimos da função para as suas variações de *forma* com os seus acrescimos devidos ás variações da variavel independente, senão a conti-

(<sup>1</sup>) E. Mach - "La mecanique, exposé historique et critique de son developement", paginas 401 e seguintes, e "Comte-Cours de Philosophie positive", tomo 1, pag. 174 e seguintes.

nuidade e homogeneidade do espaço e do movimento?

E achado, por estas considerações, o algoritmo do calculo, em que fundar a regra dos maximos e minimos senão numa univoca relação de continuidade entre as variações da forma da função determinada e a variação da função indeterminada de que aquela depende?

Certos problemas mecanicos podem sêr, assim, resolvidos pela analyse sem que isto queira diser que os metodos analiticos são simples formas sem conteúdo.

Esses metodos são justificados por definições de que uma exposição scientifica pode abertamente partir, mas que a reflexão filosofica não poderá esquecer. O pensamento assiste a todo o real e é-lhe presente na sua indivisivel unidade. As classificações sistematicas nunca deverão esquecer que, sendo o resultado duma visão retrospectiva, não passam de simples arranjos das riquezas adquiridas, implicando sempre a actividade dum pensamento subjacente.

### **A transnaturesa**

A realidade é, pois, obra do pensamento. Já se vê a futilidade de quantos pensem poder excluir o pensamento da realidade, considerando-o como um epifenomeno de ordem material e a dos que vejam o pensamento como o producto

de faculdades absolutas como Kant ou secundarias como Schopenhauer.

Sempre, em níveis diferentes, a *contemplação* da obra fez esquecer o trabalho do obreiro ou, quando muito, como em Kant, limitou-se a um esboço imitativo do contorno desse trabalho.

No primeiro caso pretende substituir-se o agente por uma disposição arquitetônica devida á simples conexões do material, no segundo caso, porque se não refêz o trabalho, supôz-se que a materia existia nos diferentes planos, *apta* a aparecer nas *formas* necessitadas pelo terreno, que seriam *formas* originaes dum entendimento espontaneo.

Se, portanto, algum modelo pretendemos tomar para simbolo da realidade, ele será certamente, dada a ação hipnotica do pensamento pensado, um modelo de ordem mecanica, psicologica, etc., conforme os habitos mentaes de cada um. Mas todos utilizarão exclusivamente o pensamento pensado. Um homem de sciencia tomará uma attitude determinista rigorosa, procurará, como ideal de perfeição, um determinismo mecanico que tudo tradusa num espaço e num tempo homogeneos; como ideal satisfatorio, um determinismo em que a parte obscura e ignorada do tempo e do espaço se possa desprezar por sêr possivel atender apenas aos estados finaes e iniciaes. Um homem de acção tomará uma attitude determinista bem mais arriscada e falivel,

ele se substituirá ao agente analisado e trabalhará com aqueles seus sentimentos mais proximos dos que, pela inercia dos habitos, calculo no agente ou agentes.

O proprio poeta, nos mais dos casos, trabalhando sobretudo com modelos psicologicos, aceita, ou *sofre* os modelos do pensado em vez de apreender a intimidade pensante, que é, em si, *a suprema e irreductivel analogia*.

Dar ao pensado realidade absoluta é vêr, na arvore, os fructos e esquecer a seiva; é, pois, isolar esses fructos e não compreender depois a sua extranha vida e crescimento; é mais, porque seria dar a cada fructo o absoluto dos seus caracteres especiaes e acha-los depois contradictorios na sua irracional diversidade. A escola de Zenon de Eleia é o exemplo do que afirmo.

O espaço e o tempo pensados e isolados do pensamento impossibilitam o movimento, e o mesmo acontece a todos os pensados diversos, o que obrigaria a concluir a absoluta Unidade.

Tentêmos, pois, referir sempre o pensado ao pensamento, o fructo á seiva, o conceito ao juiso ou concurso de juisos; então alcançaremos a primeira e indestructivel conquista duma *efectiva* <sup>(1)</sup> actividade pensante. A essa actividade devem voltar todos as obras do pensamento, como a onda ao oceano donde destacou, para, adquirindo

(1) E não meramente formal.

sentido e vida, indefinidamente a transmitirem e espalharem. Em termos que nunca possa a realidade abortar em reciprocas contradições dos conceitos ou nos infecundos *flirts* da duvida. E, se a realidade é esta mobilidade assimiladôra, não poderêmos isolar realidades parciais, antes terêmos de sempre referir a parte ao todo, tendo em vista que parte e todo não são blocos de materia, mas ciclos de pensamento.

Tambem não poderêmos separar a actividade pensante da realidade, porque nessa actividade nos são imediatamente presentes as reacções ou pontos de apoio da nossa acção. A descoberta da irreductivel sintese de pensamento, em toda a realidade implicada, é semelhante á descoberta de alguém que mostrasse ser o estagnado conteúdo dum lago o resultado de silenciosas fontes subjacentes.

Não mais explicaria o lago como caído do ceu, mas tambem para o fazer teria ainda de acrescentar à dadia da nascente a forma e a resistencia do terreno, a altitude e o clima, etc. Para que a artificiosa imagem seja mais aproximada, antecipadamente diremos que a nossa situação seria a duma nascente tendo de harmonisar com as nascentes visinhas o proprio ritmo, num movimento de conjuncto que seja, em idial, uma sinfonia onde cada voz, guardando o valôr proprio, concorra no valôr total. Pode, deste modo, acontecer que se formem turbilhões de



velocidades tão desiguaes que constituam, na fluidez do elemento, solidos nucleos resistentes e inabordaveis. Pode ainda partir a desigualdade, do turbilhão indagadôr, que, no ensimesmamento hipnotico do seu ritmo, ofereça uma invencivel inercia ás ondas vibratorias que o enleiam. E' deste modo possivel que, embora a realidade seja pensamento activo e macisso, duplamente encontrêmos a resistênciã do sêr ao pensamento. Mas nunca tal acontece por uma fatalidade do nosso sêr pensante, nem por uma invencivel fatalidade externa semeada esporadicamente nas alturas que vamos circundando. Uma espontaneidade sobrecarregada e victoriosa, isto é, uma consciencia aberta e esforçada é, só por si, uma afirmação dum plano de realidade racional, justo e fraterno. O seu avanço pode encontrar terriveis dificuldades e negações, mas a primitiva afirmação sobreleva e obriga a um mais aturado esforço, que assimile a obscuridade, heroicamente mantida perante uma universal atenção indagadôra. Essas dificuldades são ou a apparencia duma fatalidade externa, ou a apparencia duma fatalidade interna. E é tal a força de sugestão do pensado que, por vezes, é a propria victoria sobre a pretendida fatalidade externa que, por endosmose, necessariamente se volve—visto que a realidade é pensamento e o pensamento é realidade—em absoluta fatalidade interna. São o espaço e o tempo, as mais gloriosas, largas e profundas victorias da

assimilação pensante, passados a qualidades de sensibilidade que vão gerar a fatalidade interna que pesa, como colossal mão deformadora, sobre o mundo de Kant.

A fatalidade não existe. A fatalidade do mundo nós a fazemos, cortando-o em blocos que nos esmaguem e se firam em desencontrados atritos, ou desanimando perante uma primeira apresentação obscura, como se as ondas do pensamento aí podessem encontrar inamovíveis praias. A fatalidade da alma, nós a fazemos esquecendo a autonomia nascente sob a massa das suas obras petrificadas. O pensamento é, desde o início e sempre, realidade, forma e matéria. Como se move melhor em certos níveis, parte d'aí com analogias assimiladoras, gerando assim a ilusão duma forma dominadora em busca duma matéria rebelde. Porque cristalisa em conceitos, *já dados ao mundo*, supõe partir duma absoluta realidade externa, fomentando uma absurda ideia de facto ou do fenómeno. A insubsistência desta última atitude é bem revelada na primeira lição de mecânica do curso de filosofia positiva de Comte.

Nessa lição como que se somam todos os erros do método positivista, mal aparecendo as suas nobres virtudes. A distinção entre a inércia, "simples" <sup>(1)</sup> artifício lógico imaginado pelo espi-

(1) Comte, Cours, etc., tomo 1, pag. 302.

rito humano para facilitar a formação da mecânica racional», e a lei da inercia, “que deve sêr vista como um resultado geral da observação» é bem feita para mostrar como nascem as antinomias e as impossibilidades do pensamento.

A lei de inercia é o aspecto mais geral da materia, a inercia é um artificio logico — eis roto o cordão umbelical e feita uma scisão *absoluta*, pois se defrontam, agora, duas *cousas*. Em toda a lição são admitidas, como factos materiaes, noções superiores como a da gravidade para a demonstração de que a inercia é um simples artificio formal.

E' claro o erro de tomar à mão a gravidade, que é pensamento, e, longe de se opôr à inercia, só num mundo com inercia pode existir, pois no movimento duma massa não inerte seria impossivel a existencia duma função de forças.

“Mas é que a gravidade podia não sêr uma força central» diria, talvez, qualquer arrogante positivista.

O problema permaneceria; e esta resposta mostra, em nú, o vicio de correr sobre o pensado e, tirando-lhe a realidade do seu ciclo pensante, torna-lo indiferente a todas as regressões, progressões e desvios hipoteticos.

O mundo positivista puro seria uma imensa hidra, que se desse o trabalho pendular de sucessivas introversões e extroversões. Mas, se nas dobras interiores aparecem por vezes mira-

culosas espontaneidades, os artificios logicos, que volvidas ao exterior apreendem fenomenos, demonstrada está a impossibilidade do positivismo e descoberto o seu fundamental equivoco dualista.

E' certo que a primeira realidade é o pensamento e os filosofos que do pensamento se querem libertar lembram alguem que se precipitasse em desvairada correria no intento de fugir á propria sombra.

Mas não edifica o pensamento realidades que lhe parecem peculiarmente estranhas?

Que tem um rochedo com o pensamento? E se, parafrasiando, perguntássemos — que tem o cerebro com o pensamento?

Já aqui a resposta era mais facil. O pensamento é, já longamente o mostramos, ação. A ação precisa da reação como apoio, o cerebro é o instrumento dum pensamento activo. Se voltarmos ao rochedo, encontraremos que ele não é tam despido de pensamento como parece. Em primeiro lugar ele é, na sua minima realidade vulgar, uma obra do pensamento. Já o pensamento o banha e circunda, quando de pensado é levado ao seu ciclo de pensamento. Mas não o abandonemos ao cousismo dum restricto ciclo dialectico, integremo-lo no grande ciclo, espiralando em diferentes planos sucessivos, e ele será abraçado em novas ondas de pensamento que talvez cheguem a penetra-lo. A realidade não é

uma casa em andares com a ligação lateral duma escadaria, será antes o turbilhão onde uma grande corrente central vai sorvendo indefinidos turbilhonamente locais. Não é a sobreposição das sciencias entre si, com as artes e com a moral; as sciencias, as artes e a moral, abandonadas nos seus respectivos momentos pensados, solidificam em disperso material com invenciveis soluções de continuidade. A realidade é mais que a vibratilidade dum eter que, em todos os sentidos e permanentemente, é solicitado e responde, é mais que o terrificante Niagara das energias descendentes do curso dos mundos, é mais que a torrenciosa proliferação da Vida, um simples animal fructificando milhões incontaveis, é mais que o meu sonho e o vosso, porque novos Hugos amanhã sonham, é maior que as nossas medidas de perfeição e justiça, porque hontem, amanhã e sempre, de novos Tolstois novas bondades se despenham, é mais que tudo isto, porque tudo isto abrange, produz, sustenta e excede. Que nos obriga a parar na praia, decretando a inutilidade do Mar? E' passar avante, talvez além se renove o mundo, talvez esse novo mundo nos esclareça o antigo. Não se prende a flor á forma da raiz, não são nossos filhos a carne do nosso sonho? India, Brazil, encarnações do sonho virginal dum povo!

E o sonho encarna pela propria tensão da sua força, e a realidade excede-se e justifica a

ferocidade da boca que tritura, pela humildade da boca, que reza e beija.

Sempre é certo, no entanto, que a realidade tem aspectos isolados e, por vezes, antagonicos. O Universo aparece como um colossal dispersamento de sistemas, por laços tão tenues unidos que os podemos julgar em reciproco alheiamiento. Em cada sistema, atam-se os mundos por bem delidos abraços, em cada mundo encerram-se os sêres dentro do seu egoismo especifico, quando não se acantonam no mais absoluto egoismo individual. E todo o Universo é surdo á voz humana; a palavra humana é um som sem acordo nos elementos, sem eco nas indefinidas estepes sideraes.

O mundo inorganico não é bastante para existir, não podêmos lembrar a hipotese da aridês de tantos mundos semeados no espaço?

Mesmo fóra de hipoteses, não conhecêmos a aridês do nosso satellite e de imensas regiões do planeta?

Se o mundo inorganico é bastante, eis que parecerá suficiente uma realidade mecanica, e, como primeira, ela dominará, com insofismaveis leis, todas as futuras realidades ou sêres. Então a vida e a consciencia, que se nos impõem, serão immediatas aparencias, simples desdobramentos duma essencial realidade mecanica. A vida é uma quimica-fisica complexa e inerte, transformações quimicas e cursos energeticos, geram

formas, mecanicamente eliminadas, quando não enquadrem nas linhas estruturales do meio.

O pensamento é uma dessas formas de adaptação, forma secundaria crescendo dos arranjos cerebraes, com eles surgindo e com eles fenecendo. Sciencia, religião e arte são simbolicos encadeiamentos de sensações reproductivas de determinados arranjos mecanicos.

Este será o ultimo estadio de toda a realidade construida exclusivamente com o pensamento *pensado* isolado do pensamento pensante.

O mecanismo será sempre o estado adulto do materialismo e do naturalismo.

Mas não teria razão um naturalismo que, furtando-se á desvairante sedução mecanista, notasse os isolamentos dos mundos, a separação dos sêres, a absoluta solidão da consciencia humana?

E' rasoavel e justo que taes dificuldades se atendam e respeitem, de outra forma é querer voar no vasio, é querer atingir o ceu deixando a terra atraz, em irremediavel aflicção.

E' justo, sim, que o homem abrace a terra que o amamenta, que cole o ouvido ao murmurio do seu genesis, que desça os olhos sobre o planeta que o sustenta, mas que o homem não esqueça o percurso do planeta no espaço constelado, que os olhos lhe saibam procurar a face sideral, dando ao astro que pisa, o misterio do astro que contempla. E' nobre que o homem

mantenha integras, diante do seu ancioso espirito, todas as obscuridades e duvidas, mas que não sirvam tais duvidas a esquecer as certas, a enodoar de cinsa as claridades atingidas.

Ora a primeira verdade é que nada existe fóra do pensamento. Quando, depois de pensada a inercia e as leis mecanicas, nós supomos um mundo exclusivamente mecanico e alheio ao pensamento, esquecêmos com demasiado descuido que o mecanismo, condição minima dum mundo possivel, é absurdo como realidade substancial, e que, existindo apenas como pensamento pensado, ele reintroduz um minimo de pensamento como necessaria condição unificadôra de qualquer realidade. E esquecêmos mais que a realidade mecanica resultou duma adaptação do caprichoso pensamento subjectivo do individuo a um progressivo pensamento objectivo da especie. Duplamente despresamos o implicito fundo de actividade pensante—achando real e sufficiente um estagnado mecanismo, e não vendo o caminho de generosa altruisação que vai do pensamento subjectivo, de immediatos interesses individuaes, ao pensamento objectivo de universal interesse e desejo.

A historia desse crescimento do pensamento subjectivo para pensamento objectivo é a melhor garantia da realidade essencial dum pensamento envolvente e autonomo. O que são a sciencia, a arte e a filosofia, senão a raiz, as flores e a seiva



duma arvore em tamanho crescimento que tudo envolve e penetra?

Como simples arranjos cerebraes, isolados nos respectivos cerebros, poderiam compôr uma harmonica realidade comum, diferente e excessiva duma simples integração de subjectivismos? Se a realidade é a mera produção das faculdades humanas é incomprehensivel o *esforço para a sciencia*, que devia ser natural e imediata como o perfume e o fructo. Se a realidade é a copia humana dum exterior completo e substancial, porque estranho milagre discordam os copio-grafos e, ao lado dos que pensam pelo tacto e se perdem, vencem os que aventuram e idialisam? Quem vê? Newton e Colombo, Maxwel e Verrier, D. Quixote e Jesus ou Tomé o incredulo, e Homais o boticario filosofo? Quanto excesso sobre o simples naturismo, quanto superfluo da adaptação, não afirma e basta a demonstrar a construção da Sciencia! As representações individuaes luctam entre si e, embora desajudadas da boa aceitação da sua epoca, avançam as que agrupam uma maior riqueza sob uma mais intima e facil unidade. O subjectivismo do interesse cede ao progresso objectivante do universal interesse; a primitiva analogia, que tudo reduz á similhaça humana, é substituida por um pensamento atento ás diferenças e alheiamentos do humano. A primeira realidade é recomposta e vai-se construindo a

natureza com elementos afastados do primitivo voluntarismo, visto que repousados e identicos no fluxo do tempo. Um severo pensamento preside e elabora esta realidade, bem pouco reconfortante para a compreensão humana, de principio limitada a analogias psicologicas estranhas á inercia.

O pensamento individual vai alargando o vôo alem dos horisontes domesticos numa permanente harmonisação com o pensamento objetivo, que a todos vai obrigando com a sanção da sua superior realidade, do seu mais vasto alcance e legitimidade.

Assim se cria o ideal de Verdade, que, como Ideal, é não uma propriedade, mas uma atitude do pensamento. Do amor pela verdade brota a Sciencia e a Filosofia, e, como a sciencia e a filosofia progridem em correntes circulantes, que lhes renovam todo o conteúdo, não pode a verdade sêr mais que a atitude dum pensamento perante toda a vida do Pensamento. O respeito pela verdade é a homenagem do pensamento estatico e solidificado ao pensamento activo, do dogmatismo á autonomia, da parcela a um conjuncto, que a legitime e valorise.

Mas, se a propria vida do pensamento objetivo leva a pôr a realidade em planos diferentes, maior é a solução de continuidade e teriamos então um naturismo de ordem scientifica de ameaçadora catadura para uma realidade unificada e racional.

O pensamento científico formula, com efeito, realidades dispersas, e de tal forma que uma primeira imagem da Sciencia nos é dada por a duma discontinua curiosidade tomando, das cousas, afastadas regiões e variados aspectos. A Sciencia parte das cousas, isto é, de conceitos de colectiva elaboração inconsciente, parte dum nivel medio de pensamento implicando discontinuidade entre os diferentes pontos de partida e em cada ponto injustificadas seduções particulares.

Um mundo que apenas seja conjunto das realidades scientificas será, pois, um mundo obscuro, simples agregado em vez de sistema; e, quando a assimilação interna comece a sistematizar, ha de faze-lo com aquelas privilegiadas formas, que sejam o tipo idial do trabalho científico. Cada sabio irá dar ao Universo a mascara da sua sciencia, e o cientista escolherá as sciencias mais determinantes, isto é, as realidades mais determinadas, como a matematica, mecanica e fisica, para modelo generalisadôr.

O processo objectivamente da sciencia tem um duplo aspecto de heterogenisação e homogenisação.

Dum plurismo inicial tende para uma final unidade, que é o laço duma realidade continua e sistematica. Quer a heterogenisação, quer a homogenisação scientifica carecem dum novo trabalho de pensamento, que as explique e inte-

gre numa síntese superior. Os mais altos representantes da sciencia moderna encarregam-se de nos mostrar esses dous aspectos da sciencia. Poincaré e Duhem, por eruditas analyses, demonstram a ingenua credence ou a petulante ignorancia dos que sonham uma sciencia reproduzindo fono ou fotograficamente uma realidade *dada* e, por consequencia, com esta realidade comparavel em todos os momentos dos seus juizos. Com os indefinidos recursos do seu valôr professional demonstram estes sabios filosofos a impossibilidade do realismo vulgar, bem como a impossibilidade dum formalismo miraculosamente dominadôr.

Poincaré recorre ás convenções comodas suggeridas, não impostas, pela experiencia.

Isto explica a heterogenidade inicial, afirma a presença, em face da experiencia, dum excesso de pensamento livre, e justifica, pelo sucesso, a escolha dos principios, em si estranhos á sanção experimental. Duhem, dando ainda maior liberdade á ação do pensamento sistematisante, parece dar maior logar a um formalismo lavrado no vasio, longe das duvidas e obscuridades; mas a tendencia de *classificação natural*, que põe, como destino ás teorias fisicas, revela, no pensamento scientifico, uma espontaneidade em contacto com oposições envolventes. Nenhum destes sabios procura, no entanto, mais que o bastante para libertar a sciencia de acusações, que a filaucia dos lei-

jos sobre ela tinha lançado das bandas vermelhas e amarelas do mundo politico. A sciencia pode, com a condição de saber que o faz, partir de convenções ou postulados, e pode, mais, ir eliminando as convenções posteriormente reconhecidas desnecessarias, tendendo assim para uma arquitetura cada vez mais simples e harmonica. Pode partir de heterogeneos principios e pode regressar aos principios a eliminar aqueles, que se demonstrem desnecessarios ou implicados nos restantes admitidos como primarios e fundamentais. Mas como compreender a efectividade deste ciclico, victorioso além d'isso, ao longo do seu trajecto na experiencia?

Se cada convenção fosse limitada a um isolado compo de experiencia não seria possivel a simplificação das convenções iniciaes pela obra local do pensamento, nem o concurso de todas as sciencias para a escolha dos principios iniciaes de cada sciencia, e muito menos a continua exaustão da qualidade ou homogenisação pela quantidade, que constitue o avanço da marcha scientifica.

A fisica avança sobre principios mecanicos; ergue-se a termodinamica, e logo oferece os seus principios para uma integral systematisação da fisica ou da quimica. Uma analise do postulado de Euclides dá o conceito de multiplicidade de dimensões para base duma geometria geral, que abranja e, por characteristics apropriadas, discri-

mine as geometrias especiaes. Os principios modificam-se, as convenções não ficam fóra da ação envolvente e assimiladora do pensamento, mas a sua evolução é continua e não uma simples substituição de umas convenções abandonadas por outras então escolhidas. Embaraço irreductivel seria para o empirismo e para um pragmatismo, que não seja absoluto e algum valôr dê ao conhecimento, esse das novas convenções serem, afinal, uma evolução dialectica das antigas, como acontece com a energetica postulando a mecanica, como acontece com a geometria geral exigindo a noção de distancia, que só a linha recta euclidiana, directa ou indirectamente, determina. Em termos que a propria vida solitaria da sciencia é suspensa da vida do pensamento assimiladôr, no sentido duma maxima racionalisação caminhando, pois.

De forma que isso nos indica recursos indefinidos para solver as dificuldades que o pensamento scientifico, porventura venha a criar. As antinomias só existem para o pensado, nunca para o pensamento pensante. O pensamento scientifico, rico e movel dentro do seu mundo, abandonado à sua vida solitaria, seria uma ilha prodigiosa, em todo o caso isolada no meio do assedio do imenso oceano circundante. E mesmo os seus prodigios seriam bem efemeros se, do oceano, em nevoa, não viera a generosa agua a penetrar-lhe o corpo sequioso.

Podemos tranquilamente atender as aparentes dificuldades do pensamento objectivo scientifico, porque possuimos mais vasto sêr, onde as suas dificuldades se dissolvam, se é que essas dificuldades não são só por si, atentamente perscrutadas, anunciações duma indefectivel realidade superior. A sciencia separa a realidade por diferenciações suficientes para obrigarem a uma atitude de desconfiança para uma efectiva unidade do sêr. A sciencia olha todas as suas realidades sob um ponto de vista particular, que lhe faz procurar sob a qualidade variavel a quantidade constante, de molde a dar do sêr uma descolorida imagem de necessidade e inercia.

O mundo scientifico é um conjuncto, e não um sistema de realidade heterogeneas. Já um conjuncto implica um laço de junção, que será interno ou externo. Aqui, não será ainda o laço interno duma nova elaboração integral, mas será, desde logo, o laço do pensamento apreensôr onde, como ilhas dispersas, são banhadas todas as realidades scientificas. Esta junção será, portanto, imediatamente excedida e o conjuncto transformado em sistema. É por isso que a atitude cientista se volve inconsideradamente em sistema mecanista, materialista ou energista, etc. Mas esta transformação vem da outra face do mundo scientifico, da face homogenisante.

O trabalho scientifico dá, em efeito, privi-

legio á medida e exaustão da qualidade, metamorfoseada em *resultado* da quantidade. O mundo é um *resultado* de elementos quantitativos reduzidos ás constantes mais simples e geraes. A preferencia dada a certos elementos mostra uma riqueza inicial desmentindo a falsa uniformidade final e, contemporaneamente, explica a transformação do conjuncto das realidades scientificas em sistema, sob a ação unificadôra dos elementos preferidos.

Mas tudo isto é accidental, ao sabôr da dinamica instinctiva do pensamento. A sistematização que absorve e legitíma o conjuncto scientifico é o proprio crescimento desse conjuncto. Em sciencia, como no resto, a realidade é o pensamento e não o pensado, e o pensamento justifica o duplo aspecto homogeneo-heterogeneo do trabalho scientifico. As separações, bem como as unificações, não são dadas, mas construidas pelo pensamento, que, deste modo, não sofrerá a impossibilidade de unir o que seja diverso, radicalmente e em si.

De resto a duplicidade do trabalho scientifico mostra, só por si, que a realidade é una e multipla, anunciando-a como sistema social, pois só em sociedade se atinge a unidade do multiplo e se resolve o problema tragico do *mesmo e do outro*.

A unidade do mundo scientifico é revelada, fragmentariamente, pelo alcance maior ou menor,



em todo o caso alcance, da sujeição á inercia e pela victoria das syntheses analogicas em toda a nova descoberta.

Mas bem mais reveladôr duma essencial unidade é que pensamentos, historicamente dispersos e longinquos, logicamente distantes do espaço que vai das mais núas abstrações ao que se supõe sêr a passiva observação, concorram para uma synthese superior, que, amalgamando-os com teorias empiricamente alheias, dê uma realidade, ampla e profundamente unificada. Dous seculos antes de Cristo estuda Apollonius as secções conicas. Passam os seculos e Kepler, servindo-se das observações de Tycho-Brahé, aproveita os trabalhos de Apollonius e propõe as leis das orbitas dos planetas, que a mecanica de Newton resume, como consequencias, na lei das forças centraes da gravitação, generalisação analogica da gravidade terrestre, pois as constantes de proporcionalidade da gravidade terrestre e da gravitação planetaria são as mesmas, como o provam as experiencias de Cavendish e o estudo do movimento da lua.

Não demonstra tudo isto, sobejamente, que o mundo scientifico é uno e penetrado de pensamento? Como comprehender agora esse mundo despido de pensamento senão por equivoco ou cegueira?

Não será por se desejar o pensamento explicito e livre, que, despresando o pensamento

implicito, se julga o mundo físico destituído de pensamento?

Não é só o gênio de Newton a mostrar a unidade do mundo científico, são as previsões de Maxwell, é toda a espectroscopia, a ponto dum poeta filósofo sentir a desolação dum universo monótono. E todas as realidades científicas são abrangidas na unificação, de forma que o descontínuo heterogêneo destaca dum universal e primordial unidade.

Num sentido mais invasor trabalha, ainda, o jeito homogenizante dos métodos científicos.

A ciência procura dissolver todos os complexos em elementos, que, convenientemente compostos, os refaçam, apresentando-os, pois, como simples resultados. Neste sentido pode dizer-se que a ciência é atomista, pois determina por elementos.

Sob este ponto de vista o perigo está na invasão do superior pelo inferior, na absoluta homogeneidade do mundo pela redução do superior a um bem definido arranjo de elementos. Assim ficaria impossibilitada, pelo trabalho científico, a posterior construção dum realidade em excesso sobre os elementos, que, mais que *resultado*, fosse criação, liberdade e vida. Este aspecto da ciência provém de um legítimo artifício e dum logro. O artifício consiste em a ciência, dentro dum realidade mais vasta, cortar sistemas e supô-los isolados.

O logro é duplo, pois que os elementos são determinados pelo pensamento e que a recomposição do superior por meio dos elementos é feita por um pensamento, que vai combinando os elementos no proposito de reconstruir o real. E, se os elementos são determinados pelo pensamento, este os construirá num trabalho realista, assimiladôr de complexos sensíveis. Os átomos do químico, por exemplo, são um momento superior da dialectica química e a caracterisação dos corpos pela estructura atômica é feita, ainda, em activo trabalho realista, em face das obscuridades, que apresenta a caracterisação empirica. Dizer depois que um corpo químico é o *resultado* dos átomos é esquecer breve que esse corpo se caracteriza pela maneira como, dispondo do espaço exaurido da geometria, o qualifica e determina.

Levando mais longe a homogenisação, pretende o pensamento scientifico tratar toda a realidade como inerte, supondo-a, portanto, formada de massas mecanicas ou, pelo menos, de sistemas materiaes isolados. No primeiro sentido trabalham os sabios presos ainda do vulgar realismo sensual, vislumbrando, no fim de todos os processos fenomenaes, uma sub-estructura mecanica. No segundo sentido trabalham os sabios mais afastados do sensualismo, satisfazendo-se com o conhecimento das variações de certas grandêsas, entre limites bem determinados. Sempre é certo

que, além do artifício do isolamento só rial sob condições restrictivas, a determinação de taes funções exige um estudo preliminar que demonstre, no caso, a indiferença do espaço e do tempo perante essas grandêsas, que os vêm determinar. Quer dizer que sempre se tratará de determinar elementos convenientes e convenientes leis de posição desses elementos num espaço e num tempo exauridos. Isto, incidentalmente, explica o motivo da sedução e queda de todas as teorias scientificas para a estabilidade da teorição mecanica. Mas a propria sciencia revela o artificioso do metodo pela sua insuficiencia perante a vida, que se caracteriza pela herança, ou seja, por uma intimidade dum tempo proprio resistindo à exaustão, e por um espaço proprio, organizado, mais ou menos indecomponivel segundo os graus biologicos, porque vai desde uma quasi homogenidade até à articulação sinfonica das minimas partes diferenciadas.

E', portanto, dentro da propria sciencia que, mostrando a sua incompleta realidade, se balança o duplo aspecto uniformisante e diversificante do pensamento scientifico.

Se um identifica o sêr, dando-o inerte e inutil, como simples resultado duma incessante repetição e outro o mostra vivo e multiplo, acessivel sómente por uma artificiosa adaptação, à tendencia de uniformisação sob o inerte, logo o primeiro voltará a colocar sob novas realidades,



com a sciencia ou sciencias, despresando a anterior actividade implicada e a posterior assimilação requerida pela discontinuidade e imperfeição *das realidades scientificas*.

Tambem a arte e a filosofia téem acompanhado a sciencia no seu desenvolvimento, dando-se reciprocas influencias, que, com a precaução sempre precisa em comparações, podem ser assemelhadas ás que nos sêres vivos são reguladas pela lei da correlação dos órgãos. A existencia de casos monstruosos, como sabios sem reflexão ou filosofos sem sciencia, nada mais faz que evidenciar a vida evolutiva do pensamento. Nem só nos detalhes é a realidade uma reconstrução <sup>(1)</sup> do pensamento, como mostramos por exemplos scientificos; tambem, no conjuncto, a realidade é uma progressiva adaptação de pensamentos, é a propria vida do pensamento altruisante e esforçada.

Deste modo demonstramos que a realidade é pensamento e que o pensamento é mais que a realidade, porque á minima realidade basta um implicado pensamento actual e o pensamento é unificação actual e livre excesso sonhadôr, é como a sereia que, ao mesmo tempo, fluctua, equilibrando o universo fisico, e canta, rasgando na boca da Noite as vozes do universo moral.

<sup>(1)</sup> Digo reconstrução, porque nunca um trabalho é elementar e isolado, mas é sempre global e ciclico.

Um equívoco pode ainda erguer-se, perante as atenções menos viris, a dizer que o universo físico existiu antes do pensamento humano e que, por isso, o pensamento é efeito desse universo e não sua causa, como talvez pareça que acabei de afirmar.

Neste último reducto se acumulam, de novo, todas as resistências de inércia contra a espontaneidade, do pensado contra o pensante, da necessidade morta contra a liberdade viva e vivificante. A relação de causa e efeito fóra das realidades unidas, sendo improductiva ginástica do pensamento no planalto dum nível atingido, é simples repetição imitativa dos movimentos originaes, que a determinaram na efectividade dum trabalho assimiladôr. É uma simples relação de sucessão necessaria; d'aí o dizer-se que o mundo da intelligencia, sendo posterior ao mundo físico, não pode sêr sua causa. É certo, e nem podia deixar de sêr, que o pensamento não pode sêr causa mecânica do universo físico; mas também só a absoluta incompreensão da nossa dialectica nos poderia imputar tal asserção. A causalidade mecânica é uma realidade pensada, que, pelo menos, implica um pensamento actualisado no seu respectivo nível, que é o da absoluta actualisação.

É, pois, uma relação entre pensados dum pensamento actualisado, não é a relação entre o pensamento liberto e excessivo e fructos tom-





do pensamento, descendo da fluidez criadôra das horas de belesa e justiça, á passividade e ao abandono, que as horas aproveitam rolando-nos dentro d'alma os preconceitos, afeiçoando-nos o espirito ao caminho da minima resistencia.

Como ultima consecuencia podemos dizer que o pensamento individual se vai adaptando a um pensamento objectivo, que é o pensamento scientifico, estetico, e por ultimo, filosofico, e que esse pensamento objectivo humano tende para um ideal pensamento cósmico, que desde a suprema alma liberta até á mais pura inercia tudo unisse num fraterno, intimo e clarividente amplexo. E desde a materia mecanica, até á materia viva, á materia pensada e á consciencia liberta é tecido um identico tempo homogeneo, florescendo em gômos de instante para logo tombados em inutil poeira desaparecida; um tempo de organisados instantes, repercutindo uns nos outros o timbre do seu devenir na incansavel repetição duma milenaria sinfonia; um tempo roubado ao esquecimento em virtual eternidade adormecido; um tempo, flôr da eternidade, na seiva criadôra embebido, marcando em pontos nodaes a certesa e a confiança da Unidade que se reencontra.

Um infinito pensamento transcende cada pensamento, uma infinita realidade transcende, em intermino além, as realidades sucessivamente imediatas. De todos os lados, o espirito criadôr,

o pensamento excessivo e livre envolve a criação. A natureza é o lago onde a transnatureza jorra as nascentes profundas e onde, nos alongados abraços do vento, lança a ideia duma vida esforçada de beleza.

## A Memória

Se a realidade é um pensamento criacionista, ela será um sistema que, sobre um equilíbrio de extensão, erga um permanente excesso, uma facilidade fluctuante. Pensamento que subirá, pois, da unidade exterior ou mecânica, á unidade interna da Vida, a uma superior unidade transcendente, que, envolvendo a criação, a possa exceder infinitamente e sempre.

Que pensamento é este que seja pensado e pensante, a obra e o agente, a água e a nuvem?

Qual será a síntese suprema?

Se o universo é um sistema de pensamento, ele terá um centro idial de onde todo o sistema dimanar.

Qual é esse centro?

Não poderá ser o pensamento de qualquer ciência, embora essa sedução seja sempre aberta.

Vimos, com efeito, que o pensamento humano tem a invencível tendência de generalisar momentos do seu trabalho realista e ensaiar com eles a integral sistematização do ser.

Entre as leis scientificas mais conhecidas podem citar-se algumas aparentemente vindas da fisica e da quimica, em verdade, da tendencia cousificante do nosso espirito. "Na natureza nada se perde e nada se cria", dirão apressados generalisadores duma minuscula lei, aliás simplesmente quimica.

"Na natureza tudo se perde e nada se cria", dirão outros, ora por espectacular idolatria da ultima pagina da sciencia, ora por audaciosa transposição historica e cósmografica das caracteristicas do que os fisicos chamam os sistemas materiaes isolados. Verdades relativas, momentos de pensamento em ruinosa contradição, uma vez abandonados do pensamento pensante, que os coloque no sistema integral da realidade.

O centro idial do Sêr será aquele que percorra o sistema integral do pensamento e determine a forma indefectivel do seu contorno e a fonte original da sua essencia cósmica. A lei, que o define e vou demonstrar, ha de referir-se a esse pensamento idial cósmico, de que o nosso pensamento é assintota, fóco onde este se acende, meio infinito onde se armazenem todas as energias do idial humano. A's palavra bem vagas e por vezes contradictorias (visto que recebidas e não construidas) de Natureza, materia, etc., substituirei a palavra Sêr, querendo significar com ela a realidade identica ao pensamento integral, realidade de que, em consequencia, a nossa se



mecânicos. Refiro-me ao raciocínio com que Galileu supôs ter afastado, no estudo da queda dos graves, a hipótese duma proporcionalidade entre os espaços e as velocidades. Do historiador Mach transporto este raciocínio: "...quando um corpo adquire uma certa velocidade depois de certa altura de queda, uma velocidade dupla depois duma queda dupla, etc., o segundo caminho, que é duplo, será percorrido no mesmo tempo que o primeiro, que é simples.

Ora, como, no caso dum caminho duplo, a primeira metade deve ser percorrida primeiro, não ficaria tempo para o percurso da segunda. A queda dos corpos seria, pois, um transporte instantâneo — o que contradiz a hipótese, etc."

Este errado argumento, que afasta a falsa hipótese da proporcionalidade entre os espaços e as velocidades, com maioria de razão arredaria a verdadeira proporcionalidade entre os espaços e os quadrados das velocidades. Onde está, então, o vício do argumento? Em desarticular o tempo, e, nas partes desarticuladas, distribuir uniformemente o espaço, como se o tempo fôra de instantes alinhados ao longo duma recta euclidiana, quebrando assim a noção de velocidade, que é uma *relação do espaço e do tempo*. É também este o fulcro dos celebres argumentos de Zenon de Eleia contra o movimento. Não ha um espaço feito, que um tempo feito venha perlar de rias instantes; ha um espaço envol-

vido por um tempo, que se integra e engloba indefinidamente, repercutindo-se nas minimas porções do seu fluxo. E', por isso, que só o calculo diferencial pode apreender esse movimento, *pois ele procura o limite duma relação determinada pelo devenir dos seus termos.*

Não é aqui bem clara uma herança de primeira ordem, herança que se limita á unificação de actualidades absolutas, mas que é suficiente para mostrar a omnipresença da memoria, aqui implicada e absolutamente expressa na ação unificante?

Considerado o Universo fisico sob o ponto de vista energetico é duplamente necessitada a existencia da memoria implicada.

Directamente pelas bases mecanicas que sustentam a estrutura energetica e pela preliminar discriminação das características energeticas, energia potencial, cinetica e interna, demandando todas, relações mais ou menos complexas das variações do espaço e do tempo. Indirectamente pela necessidade de, pela memoria, subtraír o cosmos ao irremediavel aniquilamento, que seria a conclusão do energetismo.

E tal recurso á memoria não é inventado adrede para solver a dificuldade, pois a memoria é implicada na reconstrução do mundo energetico, não só para a noção de energia como já vimos, mas tambem para a de entropia, geradora da referida dificuldade. Se, com efeito, o

universo físico fosse um sistema energético, poderíamos determinar uma quantidade, chamada entropia, que cresce incessantemente. A essa quantidade, ordinariamente adoptada nos livros de física, pode substituir-se uma outra, legitimamente chamada coeficiente de transformalidade, e enunciar o princípio em função desta última. Esse princípio diria, então, que num sistema energético o *coeficiente de transformalidade diminua incessantemente*.

Não haveria um universo mas uma série de criações de universos; sendo cada um abandonado, a seguir, a uma certa corrida para o aniquilamento, para novo acto criador erguer novo universo, e, assim, indefinidamente.

Não poderia, ainda, existir esta série sem a presença duma memória que referisse as criações aos aniquilamentos, que unificasse, portanto, num Sêr, as suas indefinidas proliferações. De outra forma seria o absoluto Cáos de universos lutando pelo sêr e de universos tombando pulverizados num absurdo aniquilamento.

Que haja um unico acto criador do unico universo que é o nosso e agora corre para o nada, é uma afirmação bem audaciosa e inutil, pois, além de não se compreender porque ainda sômos, permaneceria a necessidade de memória unificadôra para as diferentes fases do universo.

Todavia, sempre no mundo físico representa esta memória, uma unificação sem efectiva he-

rança, isto é, sem excesso livre, que permita englobar um tempo, penetrado de qualidades intrinsecas. Com a vida aparece uma verdadeira herança, uma unificação luxuosa, implicando a existencia de memoria criadôra. O tempo possue-se, prolongando-se em novidade e invenção. A superfluidade, que no mundo fisico já se mostra no conjuncto — um crepusculo é tam cheio de graça como a face humana — vai aparecer envolvendo o minimo detalhe, repetindo-se indefinidamente da parcela ao todo, do conjuncto ás parcelas.

Com a vida aparece claramente o superfluo, o excesso, a graça. Graça que o trabalho ha de, por vezes, solidificar, superfluo adormecido na inercia da forma conquistada; em todos os casos, sempre a Vida, mais que alinhamento de instantes, é a repetição excessiva e sem perda, duma memoria inventiva e criadôra.

E isto da parte ao todo, do detalhe ao conjuncto, em cada sêr vivo e na historia da vida.

A historia da vida é cheia de ensaios e tentativas, onde os inferiorisadores querem inutilmente achar uma continuidade, que apresente um momento como simples *resultado* dos antecedentes e os superiorisadôres inutilmente querem vêr diversos actos criadôres duma transcendencia ou arbitrio, alheios entre sí. Obra duma estricta memoria imanente, memoria anonima





gigantismo, substituindo-o por mais seguros meios de lucta darwinista. Ora a fundamental condição implicada, sob as mais complexas condições de coordenação fisiologica, seria o lucro da substituição da massa pela velocidade, que aqui teria alto significado e legitimidade bastante no aumento da graça, isto é, na libertação do excesso duma memoria perdida na clausura do monstruoso. Quando a tactica militar substituiu as massas enormes pouco velozes pelas massas mais pequenas e mais velozes, a massa e a velocidade permaneceram presentes como condições determinantes da *força viva*, medida do efeito a conseguir, e, em face duma, da outra e da força viva, se determinou a seleção das pequenas massas com grande velocidade.

Ainda nos casos negativos se conserva, portanto a continuidade da memoria biologica.

Esta memoria biologica é uma memoria anonima, afirmando no parentesco das obras a sua unidade e integralidade. E' esta anonima memoria inventiva que, em linhas <sup>(1)</sup> divergentes da evolução realisada, apresenta, para a mesma função, órgãos essencialmente eguaes; é esta memoria criadôra que reinventa órgãos destruidos, aproveitando, por vezes, partes do organismo

(1) Bergson, "l'Évolution créatrice".

originalmente diferentes <sup>(1)</sup>; é esta mesma memória que reinventa propriedades seculares adormecidas e, por vezes, de novo dá aos animais recordações do seu mundo vegetal, como parece acontecer, dentro de certo condicionalismo, com a função clorofilina. Memória hipnotizada, ainda, pelas próprias criações, demorando nas formas alcançadas, seguindo o caminho mais fácil, repetindo-se numa teimosa simetria, que, ao mesmo tempo, prova a homogenidade do espaço oferecido ao determinismo das suas criações.

Mas, também, memória criadora e prodiga, enche a mínima das suas obras de superfluidades luxuosas, insinuando-se no meio pela adoção dos seus ritmos, para logo, em excesso, repetidos por incontáveis reproduções da sua geometria. *A clara omnipresença desta memória impessoal*, necessitada pela continuidade da vida, *explica a indiferença da natureza viva para com a Morte*. Se fôrmos medir as invenções da memória biológica com as regras da nossa economia, a sua obra ha de aparecer-nos como um terrível disparate. Ela cria, numa proliferação

(1) É esta notável faculdade de reinventiva acomodação tam manifesta que até nas funções superiores como seria, na teoria de Cion, a função do aparelho semicircular, ela é suprida, quando da ablação deste, pelo aparelho oculo-môtor. Os recursos desta memória inventiva tem varias vezes mostrado a relatividade das localizações cerebrais.

desatinada, milhões de seres, que serão, por fim, destruídos numa recíproca luta sem tréguas. A indiferença para com as suas obras improgressivas vê-se essencialmente no despreendimento impiedoso, após o abraço sexual, que, todavia, um demorado esforço de beleza e gracilidade precedera. Observai a atenção dessa providência panteísta para com os adolescentes e heis de admirar comigo a quasi intenção dessa oculta força.

E' tal a sua fluidez ascensional que ela se vai insinuar nos domínios superiores, trazendo ás fisionomias incipientes um anonimato sexual bem notável em todos os puberes.

A Anunciação traz á virgindade o primeiro desejo de misterio, é deslocamento de fulcro da vida para o além do individuo.

A agilidade e a graça corriam em sorrisos na face da criança, as ondulações das linhas eram a libertação duma local energia de excesso; no pubere a ondulação das linhas é a sua obediencia ao além do individuo, á universal memoria biologica, que entra em sonhos de futuro. A vida tumultua procurando a forma individual, depois a vida irrompe, sacrificando o individuo á especie, tallando em cada egoismo um destino específico, erguendo para além das folhas a viva promessa das flôres.

Aqui pode o centro estar em toda a parte e a circumferencia em nenhuma parte, porque no centro está preformada a circumferencia, porque



moderna. E assim tem de sêr. Um universo em absoluto e exclusivo equilibrio mecanico, sendo tudo o que póde sêr, seria a pura identidade, que é o nada.

Só um Universo pejado de sonho pode sêr belo e só com a memoria biologica aparece claramente, no sitio e no momento, um excesso inventivo e criadôr.

Essa memoria panteista é o minimo conteúdo duma arte consciente que não regresse com generalisações de niveis inferiores a rasostrar e sêr. Esta memoria é tambem providencial e d'aí um optimismo panteista mais logico nesta altura que um pandemonismo pessimista. Já explicamos, com efeito, a indiferença da memoria biologica perante a morte dos individuos, cuja repetição nenhum novo esforço exige, e sendo a morte necessaria para o aproveitamento de modificações inventivas. A morte não introduz soluções, quebrando a *simples* repetição dos tipos especificos. A morte é um rejuvenescimento, é um regresso ás aguas originarias.

O curioso fenomeno do rejuvenescimento cariogamico, em que a vida se reencontra como para trocar recordações, vem, ao sabôr desta afirmação, mostrar a unidade dos processos biologicos. A memoria biologica conserva e inventa. Quando o individuo desaparece, nada se perde pois neste nada havia ainda de proprio, nenhuma unificação especial para além da vida.

Medir a vida com os nossos valores economicos e moraes é o erro causadôr do falso pessimismo de muitos. Se, com efeito, trasemos a nossa moral a aquilatar os processos da vida, não poderemos absolver os seus morticinios, as suas prodigalidades e os seus erros. Mas tal procedimento presupõe resolvidos certos problemas metafisicos, quando não serve para os resolver nesta altura, que não é a sua, onde eles, portanto, são insubistentes e deslocados. Schopenhauer não deixou escapar á sua indagação sombria a lucta pela vida entre os individuos, lucta, que mais tarde, com tanto successo, Darwin havia de introduzir na sciencia.

Essa guerra de todos contra todos era um quadro proprio para condusir á meditação pessimista, que, em Schopenhauer, conclue pelo sabio ascetismo libertadôr. Schopenhauer teria sómente cometido o erro de exigir harmonia moral num momento, onde não ha personalidade e onde, portanto, a moral não é, nem pode sêr. Mas a sua metafisica da Vontade, desde a mecanica, inutilisa o sêr, porque a Vontade não existe sem os graus inferiores do sêr, que alicercem o sêr moral, e o minimo de unificação mecanica exige, como já vimos, um pensamento bem superior a uma indeterminada vontade, que, sendo o absoluto capricho, nada poderia sêr. O seu pessimismo é erroneo desde o inicio, e em relação á vida ele seria, como qualquer outra forma

nascida nesta altura, um equívoco que impozesse á memoria biologica as exigencias do personalismo, que ela não conhece.

Em tal memoria é antes um benefico providencialismo que temos de admitir. Não tem outro significado o apelo constante á natureza, que a medicina usa em todos os seus lances audazes. São bem indubitaveis e complexos os fenomenos de defeza organica, o esforço da evolução e, em suma, a organização dos instinctos. No mundo dos instinctos o providencialismo biologico vai a detalhes surpreendentes, como se sabe. Sem falar na extraordinaria vida duma colmeia de abelhas, não é assombroso o instincto dos insectos paralisadôres que *sabem* <sup>(1)</sup> ferir a victima nos centros nervosos e, aí, apenas? E não confiamos nós, por vezes, a nossa salvação ao nosso instincto, a uma providencia panteista que envolve a vida e, num momento critico, actualisa longinquas virtualidades?

Não ha na posse duma tecnica uma fusão entre a inteligencia e um vago fundo de instincto, fusão dando o que vulgarmente se chama o *tacto*? A curta inteligencia dos selvagens não lhes impede a posse duma complicada drogaria

(1) A critica de R. Berthelot feita a esta noticia a proposito do seu aproveitamento por Bergson não inutilisa o seu valôr. De resto é de atender tambem a informação de Darwin no relato da sua viagem a bordo do Beagle.



de venenos e antidotos, cuja descoberta participa do instinto, que defende o animal selvagem dos envenenamentos que o simples acaso tornaria assás numerosos.

Contou-me um amigo, que teve a felicidade de viver em plena America selvagem, que os proprios sentidos se afinam e *excedem*, como se as suas virtualidades, por inuteis, tivessem andado adormecidas. Esse homem aproximou-se das condições idiaes da experiencia, pois, tendo deixado a civilisação, *quasi* interrogou a vida com medidas exclusivamente biologicas. A sua irreflectida afirmação de que é essa a unica vida feliz, prova bem o benefico providencialismo da memoria biologica.

Aqui tocamos o equivoco correlativo, consistindo no abacial optimismo das consciencias vagarosas, que achem este o melhor dos mundos possiveis unicamente, porque a providencia biologica lhes renova as celulas e se não esquece de florir as primaveras, os trigos e as vinhas. Se os primeiros exigem á memoria biologica o que só pertence á memoria moral, os segundos esquecem na candida admiração da primeira as exigencias insofismaveis da segunda. De molde que é preferivel a attitude dos primeiros, que, por sêr contradictoria, convida a um subsequente trabalho que desfaça as contradicções. A attitude dos optimistas abaciaes, attitude de preguiçosa curiosidade, que limite o mundo ao consuetudi-

nario discorrer duma cautelosa rotina, tem dado, em reação, força ás correntes pessimistas, que só têm valôr e sentido, quando tragam as dificuldades moraes perante a superior memoria pessoal, que, em breve, consideraremos.

Eis, pois, demonstrada a lei fundamental do Sêr, em relação á vida, como já o fôra em relação á materia, como vulgarmente se chama á realidade fisica.

O ponto essencial da nossa tese vai aparecer agora, com a existencia de memorias pessoaes. Ou as memorias pessoaes têm de conservar-se e garantida está a sobrevivencia da pessoa, ou apenas é implicada como condição do mundo moral uma memoria impessoal e as pessoas são emergencias efemerias para logo volvidas a essa impessoal memoria, ou uma unica memoria pessoal existe e todas as pessoas aparentes tendem a fundir-se nessa unica memoria ou Deus.

A vida moral exige um novo excesso que, sobre a unificação biologica, faça uma centralização de pensamentos e ações em torno dum nucleo ideal. Na simples vida ha apenas pensamento implicado e memoria completamente occupada na conservação e invenção local; na vida etica ha pensamento livre e memoria em permanente excesso, pelo sêr universal librada, em extase e desejo, pensamento e memoria, que sempre referem o Universo moral a nucleos ideaes cooperantes. A memoria biologica, não pode por

dous aspectos do mesmo motivo, formar, como resultado, a memoria moral. Não tem liberdade e é anonima, enquanto a memoria etica é livre e pessoal. Na simples vida ha espontaneidade visto que a memoria biologica é inventiva, mas as suas invenções actualisam-se sucessivamente, são a propria marcha dum implicito pensamento, organisando formas, seres e instinctos. Na vida etica o nucleo ideal é um sistema de pensamentos, uma metafisica viva, que sempre refere a principios universaes, as criações da memoria moral, sujeitas deste modo a uma seleção, que lhes marque o grau de actualidade.

A simples vida é anonima e una, tanto que as suas criações se repetem em distancias enormes, tanto que uma invenção falhada, é, por vezes, restituída a partir de origens diferentes. A autonomia de cada nucleo moral exige nome, isto é, personalidade; a propria existencia de seres moraes requer, portanto, uma unidade superior, que explique a multiplicidade, sem a suprimir. A unidade moral em cada ser e nos seres só pode fazer-se pelo pensamento livre, isto é, por sistemas de pensamento que, em cada ser, determinem uma verdadeira coordenação das invenções da sua memoria moral; entre os seres, uma harmonia das respectivas criações, porque cada uma tradusa o mesmo intimo desejo de universal fraternidade, porque cada ser diga a verídica palavra que todos en-





meração de momentos dum tempo organizado, conglomeração referida aos interesses da simples vida, quando ainda nada ha de proprio, que só uma memoria especial possa convenientemente recolher. O que pertence á memoria implicada não pode libertar-se neste minimo de excesso, necessario para fundamentar a vida moral. Já se compreende que um posterior, ilimitado excesso vá até ao resgate de todo o pensamento actualizado, até á libertação da propria memoria mecanica, e que, sobre o proprio mundo fisico, venha a fluctuar a gracilidade dum pensamento infinito.

Mas neste grau da excedencia, neste momento de pensamento, neste ponto da realidade só é livre, presente memoria moral, a linha de contorno da pessoa. O movimento do pantheismo biologico, o ocasionalismo das simples associações psicologicas são estranhos a esse contorno, á centralisação do Universo em torno de nucleos ideaes, que lhe dêem, em vida interior, a unificação perfeita e completa.

Só a unidade universal constitue a pessoa, só é moral, como disse Kant, a ação que possa sêr feita regra do Universo. O esquecimento é aqui uma face providencialista das relações entre a moral e a vida. Para atingir a universalidade moral tem a vida de atravessar meios e ocasiões particulares, donde uma emergencia moral surge, assediada de contingencias insigni-

ficantes, capazes de lhe ocuparem o excesso livre se não fôra um aparente esquecimento, que retira ao implicado os acessórios importunos. Esquecimento simplesmente aparente, porque a recordação permanece implícita, e, em períodos de liberdade, consegue manifestar-se viva e explícita. É este um fenómeno de todos os dias, e que nos permite, com o domínio dos automatismos, a continuidade criadora da vida moral.

Ha portanto, esquecimentos benéficos, porque, apenas aparentes, são libertadores da memória moral. Eles serão, todavia, prejudiciaes se, entregues ao associarismo psicologico, perdida a obediencia á memória moral, começarem de pesar sobre ela com o exclusivismo do seu agir.

Isto é a contra-prova de que a memória moral é irreductivel e que, se fosse possível reduzi-la completamente a memória implicada, ela se perderia para sempre, tendo sido o mundo moral uma miraculosa florescencia sem raizes e sem fructos, e o Universo, rolando no seu seio esse absoluto milagre, teria perdido a proporcionalidade para consigo mesmo, o que seria o irremediavel aniquilamento. O minimo que a vida moral exige é, pois, a liberdade moral ou pessoa, que, por sua vez, só existe em sociedade de pessoas.

A unidade das pluralidades moraes só pode fazer-se intimamente, de liberdade para liberdade, de tal forma que o enlace seja o espontaneo







guns encargos, sem, todavia, poder explicar a primordial relação etica. Ha, com efeito, uma continua passagem da memoria moral livre e memoria implicada e tanto que Spencer tentou reduzir aquela a esta. E' certo que o trabalho de Spencer se fundava numa confusão da memoria moral com a memoria biologica. Porém sempre é certo que a ação e o pensamento marcam a sua forma; não é igual o inconsciente dum pensadôr ao inconsciente dum mediocre. Este providencialismo não pode sêr inteiramente comparado ao panteismo biologico, visto que aqui ha virtualidades de representação livre, em excesso sobre a representação imediata dos instinctos.

Tambem não é ainda um centro pessoal visto que a representação é dispersa, avulsa, fóra de qualquer sistema de pensamento.

Se procurarmos, porém, as condições de certesa desse inconsciente verêmos, como de resto para todas as manifestações do sêr, que elas impõem um absoluto centro do Universo, que, garantindo a memoria moral, seja a base de toda a harmonia cosmica. Não nos iludamos, pois, com o providencialismo moral, e não julgemos a vida moral suficientemente garantida por um anonimo panteismo. *Para um pensamento sistematico o panteismo fica sempre no caminho do personalismo divino.* Nesse personalismo divino menos logar teria o esquecimento,





qualquer associação própria acorda a nova consciencia, então em dominio. Passada a sugestão pela victoria do associanismo da primeira consciencia, volta a esta a dirigir e dominar.

Parece, assim, perdida toda a memoria da primeira consciencia, quando vive a segunda e reciprocamente. As recordações conservam-se, no entanto, na continuidade de cada consciencia; e, nos casos de cura, ou victoria da consciencia normal, é o recurso ao inconsciente que permite vencêr as lembranças importunas. Estes neo-centralismos trazem, por vezes, á claridade, longinquas lembranças ignoradas, como frases de linguas estranhas inconscientemente ouvidas em atrasadas epocas.

Nos chamados fenomenos da psicologia anormal ha casos, cujo aspecto é diferente, pois se trata da apresentação de lembranças, que de forma alguma podiam têr pertencido á normalidade da consciencia central ou marginal do medium. Estes casos, quando verificados, estão fóra dos referidos desdobramentos histericos.

Alguns encontram explicação suficiente na hipotese da aquisição anormal de conhecimentos, por processos telepaticos, (1) aquisição que aumentaria os dominios da memoria do medium.

(1) A telepatia parece demonstrada pela experiencia e por uma, já ampla, observação.

Serve a explicação para todos os casos?  
É hoje vasta a informação de tais trabalhos, restando-nos a escolha dos auctores, que mais garantias ofereçam de severidade e rigor scientifico. Entre todos, são notaveis os recentes trabalhos do fisico Oliver Lodge, feitos com rigor e metodo. Eles contêm muitos casos curiosos de memoria oculta. Um medium ignorante faz communicações sobre um amigo de Erasmo demonstrativas da larga conservação de noticias aparentemente esquecidas. Veio mais tarde a descobrir-se que o conteúdo de tais communicações existia escrito, mas ignorado pelo medium. Afastada a hipotese de tais conhecimentos terem alguma vez pertencido á memoria do medium, apresenta-se, ao lado da hipotese da communicação pela memoria pessoal do communicante, a hipotese duma transmissão telepatica de qualquer outra memoria pessoal, que possuisse tais conhecimentos. A explicação pela transmissão telepatica de pessoas indifferentes ao fenomeno é arbitraria e desnecessaria, pois que sempre o medium tem de tomar conhecimento telepatico da communicação. Bastaria este conhecimento telepatico a demonstrar como a memoria moral vai além do espaço e do tempo da memoria explicita normal, quer dizer, como existe uma memoria moral implicita, uma especie de panteismo moral. Mas aparecem casos de verdadeira memoria pessoal. São os casos das communicações crusadas e

outros casos bem mal acomodados dentro da explicação por conhecimento telepatico.

Mediums diferentes e estranhos recebem comunicações, completando-se reciprocamente e adquirindo sentido, sómente, pela conjunção. Na opinião de Lodge tais experiencias eliminam a hipotese da transmissão telepatica. São, com efeito, experiencias decisivas depois de convenientemente constatadas. A explicação telepatica é insufficiente, pois implica uma superior unificação racional, que fosse o equivalente da memoria pessoal a suprimir. Seria substituir a um semblante uma mascara que o fingisse; mas o semblante moral é inimitavel por combinações impessoaes.

Telepatias que se consultam e interferem para fingir uma sintese, uma direção pessoal, não o podem fazer por acaso e sómente pela obediencia a essa mesma pessoal direção. Os casos das comunicações crusadas podem discutir-se na autenticidade e na suficiencia ou insufficientia da documentação, mas, uma vez admitidos, afirmam uma bem curiosa manifestação de memoria pessoal explicita no campo do absoluto esquecimento, que é a apparencia da Morte.

Mas casos menos imponentes são já bem reveladôres.

A medium Piper recebe das mãos de Oliver Lodge uma joia, que fôra dum tio já falecido e que é actual propriedade dum irmão do morto.

Annuncia-se o proprietario morto, que faz, a instancias de Lodge, \*comunicações relativas á longinqua infancia dos dous proprietarios da joia. Comunicações, que um inquerito posterior revela acertadas. Ora esse inquerito é feito a pessoas absolutamente estranhas á experiencia, como o actual proprietario da joia, que nelas entrou apenas indirectamente, e como um terceiro irmão apenas chamado a testificar sobre partes duvidosas das comunicações. A informação telepatica exigiria ainda uma direcção do medium ás possiveis fontes de conhecimento, direcção que seria como uma memoria pessoal a orientar-se na recordação.

A informação dos chamados fenomenos da psicologia anormal não traz novas forças ao principio da universal conservação, pois ele é sómente a afirmação da idealidade do sêr, quer dizer, da sua realidade de pensamento. Esses fenomenos <sup>(1)</sup> rocolhem, no entanto, uma luz nova, quando olhados sob o principio da conservação da memoria moral, parte do principio

(1) Fenomenos de mais difficil interpretação seriam as pretendidas reencarnações estudadas por de Rochas. A continuidade dos depoimentos dos sujeitos é para assombrar, mas faltaria ainda verificar a identidade historica dos personagens, a sua significação moral e as trocas e assimilações, por cada nucleo, dos dados anteriores. Repare-se, no entanto, na suprêma Justiça, que tais fenomenos tornariam palpavel.









do calor, da electricidade, de tudo o que, em suma, é a materia.

Porque não conseguiremos vêr esse mesmo eter, e com ele o mundo fisico, embebido de pensamento, transformar-se numa interna memoria ubiqua e conservadôra, primeiro alvôr dessa infinita memoria criadôra, que, nas invenções da sua nunca diminuida liberdade, guarda uma continuidade perfeita, uma exacta proporcionalidade?

Porque não verêmos na luz esparsa do crepusculo boiar a infinita graça duma força, que sustenta os orbes, sorrindo, e annunciando, na facilidade do seu livre excesso, um prolongado e indefinido além?

Resolvido o Universo em pensamento, facil foi demonstrar o principio da universal conservação. A mais simples perda traria, com efeito, a discontinuidade desse pensamento e o Universo iria dissolver-se na absoluta loucura ou cáos. Nada se perde. As perdas aparentes revelam, por vezes, admiraveis processos de exaltação criadôra; manifestam, noutros casos, o artificio dos nossos metodos scientificos, *cousando* sistemas dentro do Sistema. Na minima parcela do mundo fisico encontramos uma conservadôra memoria actualisada, na minima parcela de vida encontramos uma criadôra memoria inventiva implicita e impessoal, no minimo de vida moral encon-







suas ações. O universo visível, imediato universo pensável, penetrado do pensamento que nele se exprime, é como a fronte humana, pelo pensamento iluminada, e ponto de apoio desse mesmo pensamento. Por isso toda a natureza é penetrada de intimidade, aspiração platónica para o supremo bem, indeterminismo avido, ausência divina; por isso a natureza nos quebra o egoísmo, longe de o aumentar como aconteceria se ela fosse nua e o nosso sêr um absoluto imperialismo da individualidade; por isso também a possibilidade duma universal libertação, porque a memória pessoal garante uma continuidade inexgotável ás memórias pessoais solidarias. Sim, é justo aspirar a uma libertação tamanha que as parcas consciências hesitantes acendam a claridade plena, que possamos reaver os beijos perdidos, que um novo Sol rasgue toda a nevoa da derrota e do esquecimento.

Plena redenção de todas as impotências, de todas as maldades e erros! Libertação conquistada e conservada na fraternidade activa, nunca redenção recebida gratuitamente por uma consciência para logo esmagada, sob o peso duma arbitrariedade dada.

Neste ponto convergem a sciencia e a moral na apologia da experiencia. A experiencia é a atenção duma consciência á vida das consciências solidarias. A experiencia é o pensamento pessoal, integrando-se no pensamento social, inte-



gração possível e completa pela existencia dum centro ideal do Universo.

O desprezo da experiencia é duplamente um acto de imoralidade: porque diminue o poder sintetico da consciencia apreensôra e porque a estreiteza das sinteses individuaes se reflete numa desharmonia de conjuncto, apoucadôra da memoria pessoal.

E, com efeito, o desprezo da experiencia produz contemporaneamente a morte da sciencia e da moral integral ou religião. Quando o homem crystalisa, em dogmas repousados, as grandes experiencias cosmicas, resulta uma invasão do pensamento pensado e a estagnação da actividade scientifica e religiosa. São os periodos de formalismo excessivo e, consequentemente, dum desatinado egoismo de seita. A mistica, romantica erupção do cosmico atravez o individual, é um prenuncio de libertadôra atenção á realidade, como mostra a historia da idade media e a sua condenação pelo Dogma.

Outras vezes coincide o desprezo da experiencia com a aparente idolatria da experiencia. Este movimento é ordinariamente um movimento de reacção contra o anterior, mas, filosoficamente, vem a cair nos mesmos erros. Proclama-se o valôr absoluto da experiencia, mas, tomando *dogmaticamente* para modelo unico de realidade experimental, a realidade sensivel de mais immediata representação.

Ainda, neste caso, os prejuízos científicos e moraes se acompanham, descontando-se apenas aquela parte de pensamento livre, a que obriga a atitude de reação destes teóricos da experiência.

O principio da maxima racionalisação, que vimos estar implicado em todo o trabalho científico e na recente filosofia das sciencias, é também uma logica consequencia do valôr moral da experiência. A experiência resulta da presença de liberdades perantes liberdades. Portanto a experiência seguirá, por assim dizer, o contorno da liberdade apreensôra.

Eis porque o sabio, o poeta, o filosofo não poderão receber dogmas, tombados do pensamento moral central como fructos amadurecidos. Eis porque o homem livre tem de construir o sistema de pensamento, que o liberte e centralise no Cosmos.

Unica oração eficaz, porque tudo envolve e levanta, o pensamento filosofico ergue-se da terra obscura, do penhasco brutal, da podridão e da dôr, e, com coragem e humildade, ascende ao ceu constelado, ao olhar humano, á comovida alegria da noite pejada de Sol. Não receia a Morte, porque no silencio da sua meditação fala uma ausencia, penumbra duma luz de esperança, éco de voz oculta, que, nas serranias da sua alma, já encontra harmonias de entendimento.

Pelo que o meu pensamento possa ter alcançado de universal terei eu levado as nossas

almas para a verdade, pelo poder evocadôr que a minha palavra atinja deixarei em ondulados ecos de harmonias cosmicas a memoria deste momento.

Que a minha palavra adquira, neste momento, tanta confiança, tam ardente desejo, tam divina humildade que, insinuando-se em todas as almas, perdendo-se em indefinidos planos de evocação, possa abrir os misteriosos labios da Morte.

Como certos espelhos, que, se não afrouxara a luz, indefinidamente repetiriam as imagens, eu quereria que, neste momento, as minhas palavras se desdobrassem em penumbras e clari- dades interminas, de molde a que a minha voz, solta dos labios, arrancasse o segredo dos elementos, a palavra preformada das pobres bocas dos mudos, o grito de pavôr, o doloroso, contido segrêdo das noites concavas de quietação e todos ouvíssemos, com mal contida estranheza, fundir-se toda essa informe dissonancia numa sinfonia, em labios humanos moldada. Sim, aqui, a meu lado, num além repetido muitas vezes, e outras tantas e sem fim, eu vejo, eu palpo, eu sinto mil anciosas palavras de revelação, arremes- sados braços de aplauso e amôr, eu oiço ciciar, em torno do meu cerebro sem craneo, longinquos beijos restituídos, sobem, ondeiam, alvuras sem corpo, podridões libertas.

E' a praiamar da recordação.

As formas vão falar. Eis que encarno a Morte:

—No meu seio nada se esquece. No outono possuo bem viva a memoria das primaveras e nunca elas faltaram, porque o sol lembra-se, a terra acorda e a vida fala alto o seu silencioso meditar. Em mim se exaltam as consciencias, elas vão libertando as recordações, que as esmagariam. E tanto que puras liberdades, em fraternidade e harmonia explicitas, elas hão de readquirir os beijos, que lhes furtei, o amôr, que, escondido entre as más palavras, tantas vezes deixaram de possuir.

## ERRATAS

Pag.	2 linha	24	de	da
"	35	"	26 possibilidade	passividade
"	58-59	"	30-1 leijos	leigos
"	61	"	16 realidade	realidades
"	66	"	30 sob novas	sob as novas
"	99	"	4 a esta	esta
"	112	"	30 nossas	vossas

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
AOS 24 DE SETEMBRO DE  
1913 NA TYPOGRAPHIA  
COSTÁ CARREGAL, TRA-  
VESSA PASSOS MANUEL, 27  
- PORTO.





8